

DIALETOLOGIA CEARENSE – MORFOLOGIA E ALGUMAS NOTAS SINTÁTICAS

FLORIVAL SERAINE

Sabe-se das dificuldades que surgem na delimitação dos campos respectivos da Morfologia e da Sintaxe e, como o tema vem ocupando a atenção dos cientistas da linguagem, entre os quais existem aqueles que adotam a expressão Morfo-Sintaxe para unificar o âmbito de estudo dessas disciplinas. (1) A Gramática Estrutural, segundo a Escola de Copenhague, considera mesmo desnecessária e sem proveito para a Pleremática (estudo da “forma do conteúdo da língua”) a referida distinção. (2)

Contudo, manter-nos-emos dentro do ponto de vista tradicional, buscando centralizar o objeto do presente trabalho no estudo morfológico propriamente dito, isto é, das espécies de palavras, flexões etc. (3) As *normas* procuradas aqui, para o estudo dialetológico, são, de ordinário, as *normas* populares, consideradas em relação ao Ceará, sob o prisma dos níveis socioculturais: *norma* rural e *citadina incultas*; *norma* *semiculta* e *norma* *culta* nas falas coloquial comum, que geralmente é descuidada, e familiar; tanto na Capital do Estado, onde reside o autor desde a infância, como no interior cearense, que o mesmo conhece bem, em suas principais regiões. Acha-se o Ceará incluído em área lingüística brasileira, classificada de *nordestina*, mas o falar regional, típico, apresenta características distintivas, observáveis em confronto aos demais falares enumerados na mesma área, no plano fônico especialmente, mas também no da morfologia, da sintaxe e da própria lexicografia.

Nosso estudo — como era de prever — efetuar-se-á no plano sincrônico, da funcionalidade atual, vigente.

SUBSTANTIVO

A flexão concentra o nosso interesse no sentido morfológico.

GÊNERO — De acordo com a observação de Jespersen, alguns casos que apontaremos ocorrem por mero desenvolvimento exterior, formal e fônico, mas outros, por analogia de sentido, que requer explicação semântica. (4) Acrescentaremos que, aí, pode suceder a intercorrência dos dois fatores. Linguistas e filólogos consideram a categoria de gênero, que se baseia na distinção de masculino e feminino, um meio arbitrário de classificar os seres e as cousas; que essa distinção não possui fundamento racional. Wartburg acentua, a propósito de certos casos, que carece de valor expressivo que um nome pertença a um ou outro gênero, porém observa que “nas linguas européias modernas, existem duas classes de substantivos: uns com gênero motivado; outros com gênero imotivado”. (5) Há quem considere o gênero apenas como “um recurso gramatical a serviço da concordância”. (6)

Feitas estas breves considerações, passemos agora a citar exemplos de fatos que já se acham incorporados às *normas* incultas, no Ceará.

O epiceno masculino *verme* muda de gênero sem mudar de forma. Ex.: “Botei *uma verme*.”

Com relação ao masculino *peixe* verifica-se mudança de gênero com alteração formal: “Comprei *uma peixa*.”

Dá-se o mesmo com o masculino *níquel* (*nique*, nas pronúncias popular e infantil), que muda de gênero e de forma a um só tempo: “Me dê *uma nica*”; bem assim, com o feminino *causa* que passa a *causo* e se torna masculino: “O Rebelo é que é o *causo* de quanta desgraça hai no mundo.” Em relação ao primeiro nome cumpre observar o desaparecimento do seu emprêgo, em contextos como o referido, em razão do desuso do objeto que êle exprime: a moeda de níquel que já não circula.

Mudam de gênero sem mudar de forma os “sobrecomuns” *bronquite* (“apanhei *um bronquite*”), *gripe* (“peguei *um gripe* danado”), *asma* (“tô doente de *um asma*”). Quanto ao último caso, cumpre-nos observar que, entre pessoas incultas, ocorre a mudança da desinência: *asmo* (“peguei *um asmo* espiritado.”)

Parece-nos haver aqui influência analógica, associação imaginativa, em relação a vocábulos do mesmo campo semântico, como *um catarrão*, *um defluxo*, que são de uso mais freqüente no seio das classes populares.

Não esqueçamos de que várias formas, hoje usadas pelos cultos no masculino, já o foram no outro gênero, no português antigo. Exs.: *planêta*, *mar*, *fim*, *fantasma*, *tigre*. (7)

Nos meios rurais e nas classes plebéias ainda são comuns *a tigre*, *a fantasma* (corrompida por influência da grafia antiga — *phantasma* — um *pantasma*). A propósito do epiceno, observe-se que,

mesmo os semicultos, e, um tanto burlescamente, os cultos, costumam dizer a *tigre*, quando se referem a uma das unidades do "jôgo do bicho". ("Ganhei duzentos cruzeiros na *tigre*." Na fala inculta ocorre geralmente metátese (*trigue*): "Matei uma *trigue* que era uma mostra". Lembre-se, contudo, que entre os tipos de onça figura, no linguajar sertanejo, a *onça tigre*, que abreviadamente costumam chamar apenas a *tigre*. A forma *la tigrá* já foi anotada como arcaísmo da fala popular dominicana. (8)

Merecem, pois, tomadas em consideração, a respeito, as palavras de Unamuno, quando afirmou que "a relação entre o gênero gramatical e o sexo dos animais é uma relação secundária e acidental". (9)

Quanto a *fantasma* anote-se que em castelhano vulgar encontra-se a expressão *la fantasma* e em galego registra-se a forma feminina *pantasma* nas classes incultas, bem assim, em Pôrto Rico e outros países americanos. (10)

Certos nomes usados em sentido translativo, adjetivos às vezes em função substantivada, apresentam fatos dignos de nota.

Bicho, na acepção de sujeito, indivíduo, tem o feminino *bicha*. Exs.: "Aquê *bicho* é danado." "*Bicha* senvergonha, deixe estar que tu me paga!"

Bicha, no Brasil, especialmente no Sul, é ainda sinônimo de lombriga e indica a fila de pessoas que esperam em qualquer recinto público. Em Portugal (Beira Baixa) o termo serve para designar a solitária, verme intestinal. E no plural, corresponde a sanguessugas. (11) No Ceará é um dos vários termos aplicados pelo povo à cachaça.

O substantivo *peste*, usual na região, quando se refere à pessoa pode tornar-se comum-de-dois. Exs.: "Aquê *peste* é ruim que amarga." "Aquela desgraçada é uma *peste*." Contudo, pode observar-se, certas vezes, a conservação do feminino, mesmo quando aplicado o termo a indivíduo do sexo masculino. Exs.: "Aquela *peste* do Marechal..." "Aquê meu vizinho, que é uma *peste*." "Essa *peste*!"

Diabo tem o feminino *diaba*, mas às vezes é usado no masculino para designar mulher. Exs.: "Aquê *diabo* me paga, é a mulher mais safada que eu já vi!"

Cabra, em sentido figurado, referente a ser humano, muda de gênero sem mudar de forma. Ex.: "É um *cabra* danado." "Uma *cabra* ordinária." Em Portugal (Alentejo) cita-se *cabra* como palavra feminina, de referência a rapariga "leviana, sem ter mau porte, desassossegada". (12)

Certas palavras de forma masculina podem servir para designar mulher: *um bucho*, *um couro*, usados pejorativamente. Apon-ta-se na fala dominicana *un cuero* ou *una cuero*: uma mulher pública. Portanto, no mesmo campo semântico em que se encontra *um couro*, no falar popular cearense, embora aqui possa aplicar-se a qualquer mulher sem atrativos, mesmo que não seja prostituta.

Já a expressão *bucho* é aplicada geralmente a prostituta reles, só esporadicamente estendendo o sentido a qualquer mulher destituída de atrativos físicos e mal trajada.

Ao inverso, certas palavras de forma feminina podem servir para designar homem. Exs.: "F. é uma *cavalgadura*"; "Aquêlê sujeito é uma *fêmea*"; "Aquillo é uma *cobra*."

Charles Bally estuda os casos em aprêço quando se ocupa da *hipostasis*, que considera "transposição de uma categoria gramatical em outra" e cuja noção, a seu ver "recobre geralmente a de figura". (13)

Alguns casos de adaptação formal ao outro gênero, em palavras que são "comuns-de-dois", podem ser observados nas camadas populares incultas. Quando o substantivo tem *e* por desinência na linguagem culta, pessoas incultíssimas optam, às vezes, pela sua transformação em *o* no masculino, criando-se uma forma feminina com a desinência *a*. É o caso do gentílico *cearense*, não raro, substantivado, que se diferencia genericamente nas formas *cearenso*, *cearensa*.

Êsses casos de adaptação formal no plano da flexão genérica são registráveis entre os nomes próprios. Surgem, mesmo na classe culta, prenomes masculinos como Madaleno, Margarido, Iolando, Dálio, Ofélio, Luzio, Amélio, Cecílio, Liduíno etc.

Os incultos, os rurícolas, empregam formas femininas de sobrenomes, como nos casos de Chica *Barrosa* e Rita *Medêra*, (no primeiro, o feminino de *Barroso*; no segundo, de *Medeiros*, que ordinariamente sofre apócope do *s*. Trata-se dos nomes de duas afamadas personagens da poesia popular nordestina. (1) No antigo galego, frisa Garcia de Diego, ocorriam formas femininas de apelidos de mulher. (15) No domínio dos *heterônimos* há a acentuar, especialmente, o caso de *cão*, *cadela*, registrável mas não sempre, entre os cultos. Nas camadas populares, em geral, a palavra *cão* (animal) é substituída por *cachorro*, com o feminino *cachorra*. *Cão* circula, ordinariamente, como uma daquelas *palavras tabus* alusivas ao demônio. Interessante é que, nos meios rurais, a palavra *cadelo* tem sido registrada, não só no Ceará, mas em outros Estados do Nordeste, como sinônimo de cachorro. Exs.: "Um *cadelo* bom de caça." "Tendo o ôchilio do *cadelo*." (16) É forma estranha à fala culta, entretanto, Morais e Frei Domingos Vieira averbam a palavra em seus Dicionários como termo popular — do latim *catellus*: "diminutivo irregular de *cão*; cachorro, cãozinho, pequeno *cão*". Abona-o Morais com uma citação de Gil Vicente: "o nosso *cadelo* os fez elle derramar".

No Ceará, o substantivo *rapaz* nunca apresenta o feminino *rapariga*, como em Portugal e mesmo em nosso país — conforme soubemos — no Estado do Pará. O feminino de *rapaz* é, geralmente, *môça*, em tôdas as classes sociais. Dentro das possibilidades do sistema, as normas incultas, citadinas e rurais, apresentam o feminino *ladrona*, em vez de *ladra* (*norma culta*), para o substantivo masculino *ladrão*.

NÚMERO — Sendo a apócope do *s* fato de registo freqüente, não só entre incultos, como também no meio culto, na conversação natural ou descuidada, não ocorre a distinção do número pela desinência nominal, conhecendo-se o plural pelos determinativos do substantivo. Observe-se que se produz, ordinariamente, a ligação, quando o substantivo se inicia por vogal. Exs.: — “Os *home (m)* e as *mulhé(r)* brigaram.” “Os *copo(s)* e as *chic(a)ra(s)* tão quebrado.” “Os *padeiro(s)* e os *leiteiro(s)*.” “Os *olho(s)*” (*uzólho* na fala culta; *uzóio*, na inculta), “As *aza(s)* (*azaza*).”

Pode referir-se que, do ponto de vista estrito das *entidades mórficas*, desaparece a oposição de número nas *normas populares cearenses*, acusando assim desvio do *sistema*.

O fato pode ser registado no tocante às palavras ditas *sigmáticas*, que, mesmo no singular, na fala inculta, sofrem a apócope. De modo que encontramos: *um pire(s)*, *dois pire(s)*, *três pire(s)*; *o ourive(s)*, *os ourive(s)*, *três ourive(s)*; *um lápi(s)*, *alguns lápis()*, *uns lápi (s)*; *o alferes(s)*, *os alferes(s)*.

Cáliz ou *cálice*, que, entre os cultos, tem como plural *cálce (s)*, nas camadas incultas tem uma só forma para os dois números (*cáli*). Outros nomes, usados apenas no plural, sofrem a mesma transformação. *Alvissaras*, na fala popular e rural, é dita, não raro, *alviça* e na fala coloquial, culta — *alviç(a)ra*. Exs.: “Me dê as *alviça*, seu dotô.” “Deixe está, que eu lhe dou as *alviça*.” Entre a plebe ocorre muito a forma plural *reis* exprimindo o singular. “O *reis* da Inglaterra.” O fato não é observado apenas no Ceará. Influência da locução *dia-de-reis*, segundo Antenor Nascentes? (17)

Ao sobrenome *Reis* (Antônio Francisco dos Reis) já temos ouvido pronunciar *Reses*, mesmo por indivíduos não analfabetos ou semicultos. Provável influência do plural de *rês* — qualquer quadrúpede que serve para alimento do homem, em particular da espécie *vacum*.

O plural dos substantivos terminados em *ão* nas camadas incultas e mesmo semicultas, freqüentemente ocorre com transgressão às normas cultas. É comum o uso da desinência *ões* em lugar de *ães* e de *ãos*, como nas palavras *pões* (plural de *pão*), *cidadões* (plural de *cidadão*). O que se observa, porém, às mais das vezes, em níveis socioculturais baixos, é a manutenção da desinência do singular. Exs.: “Seu Fransquim me venda *três pão*.” Ainda aqui desapareceria a oposição distintiva do número, denotando infração ao *sistema* português. Os nomes compostos aparentam a invariabilidade numérica que já registamos com relação aos substantivos simples, cujo plural se desprende dos determinativos. Exs.: “Os *mestre-de-obra* são trabalhado (r).” “Comi uns *pão-de-ló*.” “Duas *couve-flô(r)*.” “Três *bem-te-vi*.”

GRAU — Nas classes incultas e mesmo entre semicultos o *augmentativo sintético* ordinariamente se faz com os sufixos *ão* e *ona*, mesmo naqueles casos em que a norma culta prescreve o uso de

outras terminações. Exs.: *rapazão, copão, homão, chapêuzão, narizão, bichão; moçona, barcona, bichona, negrona* etc. Tanto se diz *cabeção* como *cabeçona*, *casão* como *casona*, *mulherão* como *mulhe(r)zona*, *moção* como *moçona* etc., etc.

As terminações *ão, ona* são de emprêgo freqüente para formar "apelidos", que se destinam, em geral, a pessoas de compleição avantajada ou, quando nada, robustas, sendo que as aludidas terminações podem ser aplicadas tanto a prenomes como a sobrenomes. Exs.: *Chicão, Chicona, Pedrão, Luizão; Abreução, Barrosão* etc.

Certos aumentativos em *ão* podem indicar tanto o masculino como o feminino. Exs.: *um cabocção, um negrão* etc. A mesma ocorrência foi observada na América Central e Antilhas.

São freqüentes os *pejorativos*, isto é, nomes que encerram uma idéia de desprezo ou de ironia, formados com terminações dos aumentativos. Verifica-se, ademais, que alguns derivados em *ão* adquirem sentido especial marcado por condições particulares da "afetividade". Aliás, a combinação de efeitos quantitativos e afetivos tem sido objeto do interesse de gramáticos e estilísticos. (18) Citamos os seguintes exemplos da fala popular: *gentão* — *gentona* (gente de posição social elevada, influente); *mundão* e *tempão*, que, em realidade, não podem aumentar as idéias expressas pelo grau positivo, mas que sugerem amplitude, intensidade, grandeza, excelência; *alegrão*, palavra que denota alegria efusiva, chela de expansividade; *festão*, a significar festa revestida de grande brilhantismo, grande repercussão social ou popular; *povão*, que corresponde a grande multidão e dá idéia de extensão, de acréscimo; *lugarão*, que exprime não somente lugar grande, como lugar muito bom, sendo usado aqui no sentido de emprêgo, colocação; *solção* (sol muito ardente em lugar desabrigado); *marção* (trecho oceânico que impressiona e subjuga pela vastidão serena) etc., etc.

Diminutivo — Em geral é formado com as terminações *inho, inha, zinho, zinha*, que as pessoas cultas costumam pronunciar *io, ia, zio, zia* (como se houvesse *til* sobre o *i*), respectivamente. Quanto aos incultos e semicultos, usam, de regra, as terminações masculinas *im, zim* e as mesmas femininas pronunciadas pelos cultos. Os sufixos *ito, zito* surgem esporadicamente.

Observe-se que, no Ceará, não se abusa dos diminutivos como em outras regiões brasileiras e em outros países da América, a exemplo do Chile, segundo registou Cuervo. (19)

Não se deve esquecer a influência da afetividade já mencionada, quando se trata de analisar certos diminutivos de curioso sabor regional. Amado Alonso, estudando o diminutivo em espanhol, observa que "apesar de ter motivado a denominação de *diminutivo*, é esta a sua função menos freqüente, tanto na língua escrita como na oral"; e que "o seu uso mais abundante é o das funções emocional, representativa e ativa". "O diminutivo — escreve ele — destaca seu objeto no plano primeiro da consciência. E isto se consegue com a re-

apresentação afetivo-imaginativa do objeto." (20) A palavra *bichinho*, tão característica do falar cearense, poderá servir de exemplo, pois costuma exteriorizar carinho, ternura, e é de uso freqüente dirigida a ser humano, especialmente a criança. Exs.: "Vem cá, *bichim*." "Meu *bichim*, venha cá." Não se deixe, porém, de invocar a função *ativa* do diminutivo, pois, a expressão é usada muitas vezes com a intenção de forçar a amizade ou a recusa, de "romper barreiras afetivas". *Molequinho*, não raro, pronunciado *muliquim* pelos rurícolas, é diminutivo usado afetivamente e o seu significado corresponde, em certos casos, a filho pequeno ou criança, denotando estimação. Exs.: "Só o que me arripuna é me largá no mundo e deixá meus *muliquim*." (21) *Tico*, que já significa "pedacinho de qualquer coisa", comporta ainda o diminutivo *tiquinho* ("me dê só um *tiquim*"). Nesta frase: "É um *diázinho* de penitência pra desconto dos meus pecado", que foi recolhida pelo folclorista Leonardo Mota, no sertão, a forma diminutiva revela predominância da "fantasia".

Rapazote, *papelote*, *boiote*, *novilhote* servem de prova à freqüência do diminutivo em *ote*, nas classes populares.

Cabrocha, diminutivo de *cabra*, relativo a pessoa, é uniforme, com matizes semânticos peculiares na distinção genérica. *Brochote* parece-nos um derivado de *cabrocha*, em que se teria verificado, ao mesmo tempo que a sufixação em *ote*, queda da sílaba inicial. Significa rapazola baixo, grosso, atarracado. Termo de uso popular, plebeu, um tanto jocoso, em que, além do sentido diminutivo, se percebe alusão depreciativa ao tipo físico. *Calisto*, entre o povo, serve de diminutivo ao substantivo *cáliz*, pronunciado *cáli* pelos incultos, mas já hoje não é expressão de largo uso.

Interessante é o diminutivo *piscica* (peixe miúdo), formado com o radical latino, usual em certas regiões praieiras do Estado, como Acaraú. Já ouvimos também *pisciquinha*, ultradiminutivo.

As terminações diminutivas usadas para formar novos hipocorísticos ou apelidos domésticos são, pelo comum, *inho* e *inha*. Não são muitos os casos de emprêgo de *ito*, *ita*. Até com respeito a sobrenomes é de registo o fato. São conhecidos no Ceará: Carneirinho, Ribeirinho, Monteirinho — masculinos; Motinha, Braguinha, Silvinha, Costinha, Pereirinha, Noguelrinha, aplicáveis tanto a homem como a mulher. Entre os prenomes referimos: Luizinho, Francisquinho ou Chiquinho, Zezinho, Carlinho, Candinho, Manuelzinho ou Manezinho, Raimundinho ou Mundinho etc. — para o masculino; Carminha, Mózinha, Nenzinha, Raimundinha, Luizinha, Francisquinha, Chiquinha, Mundinha etc. — para o feminino.

Formas tradicionais, já estereotipadas, podem encontrar-se: Terezita, Sarita, Anita, Rosita, Chiquito, Chiquita, Manuelito, Manelito, Zézito, Carlito, bem assim Tonico, Mundico, Chichico etc.

Além das formas *sintéticas* lembramos a ocorrência de curiosas formas *analíticas* para graduar a idéia expressa pelo substantivo.

Muitas vezes empregam-se adjetivos antes do nome, com êsse objetivo. Aliás, alguns filólogos já volveram a sua atenção para essa ocorrência e seus efeitos estilísticos. (22) Exemplos de casos com acento regional: "um *bruto* cachorro", "um *monstro* punhal", "uma *baita* lambedeira" e outros, que denotam aumento. Uma expressão bastante empregada, especialmente no interior do Estado, é *paidégua*, para expressar grandeza, extensão, intensidade, aumento, bem assim, perfeição, excelência etc. Trata-se da locução *pai de égua*, em que se verificou aglutinação, assumiu conotações várias e surpreendentes. Exemplos do uso da expressão para efeito aumentativo: "Uma cobra *paidégua*", "Uma casa *paidégua de grande*" (porque poderia ser também uma "casa *paidégua de bonita*" ou simplesmente "uma casa *paidégua*", com os mesmos sentidos).

Citaremos alguns coletivos, gerais ou partitivos de uso nos meios rural e plebeu: *criação* (conjunto de animais criados em currais ou cercados: bodes, ovelhas, carneiros etc.), *miúça* (gado miúdo; pronunciado geralmente *miunça*); *ruma* (grande quantidade); *magote* (grupo, aglomeração, bando), com o aumentativo *magotão*; *tora* (fração de um todo); *piracema* (bando, grupo de pessoas ou de coisas — vocábulo êste de origem tupi); *vaca* (quota, soma de várias importâncias para compra de alguma coisa ou realização de algum empreendimento); *bloqueio* (quota pecuniária para qualquer festividade); *cunhãzal* (aglomeração de caboclas (*cunhãs*), em geral, prostituídas); *canelal* (grande número de pessoas da ralé; aglomeração de indivíduos mal-educados e plebeus); *embiricica* (porção de coisas dispostas em fileira ou em série — derivado provável do termo indígena *embira*); *adjunto* (reunião de vizinhos para a prestação de serviços na pequena lavoura e outras atividades no meio rural) etc., etc.

Ultimamente, entrou em uso, no meio urbano, a expressão *corriola* com acepção semelhante a de *malta*, mas, às vezes, com sentido nada depreciativo.

* * *

Já Macedo Soares observara que "é notável a tendência dos brasileiros para substantivarem os adjetivos que exprimam a qualidade característica da coisa, e particularmente quando se trata da terra e objetos a ela pertencentes", considerando-a mesmo, em face de múltiplos exemplos, uma das *tendências dialetais* do português falado no Brasil. (23) Deve notar-se porém — refere ainda o autor aludido — que o fato assinalado é a própria conversão do adjetivo em substantivo, sem desaparecer aquêle, vivendo ambos um ao lado de outro, um e outro, porém, independentes. Um dos exemplos que cita, o uso de *doce* em lugar de *açúcar*, como expressão vulgaríssima em certa região sulina, é comum entre os sertanejos cearenses. Aplicam também a designação à *rapadura*, que, no interior do Estado, é

bastante empregada pelas populações pobres, como edulcorante do café. Dentre vários termos que refere, aplicados a acidentes geográficos brasileiros, alguns, poucos, são correntes no Ceará, como *quebrada* e *descampado*. Também o são os seguintes, por êle relacionados, que pertencem à culinária nacional: *guisado*, *cozido*, *assado*, *ensopado*. Quanto ao termo *baixo*, no sentido de acidente do terreno, lembramos que, no Ceará, é preferido geralmente o seu feminino *baixa*. Há até uma locução, muito usada pelo populacho, de modo chulo: *baixa da égua*. Compõe orações em que há ríspido desacato ou insulto aviltante: "Vá pra baixa da égua!"

Segundo observa Rodrigues Lapa, formas como *guisado*, *cozido* não são mais que formas verbais cristalizadas, em que se perdeu a noção do ato verbal, antigos participios. Entretanto, seria um não-acabar a citação de vários outros casos cearenses, que ficam perfeitamente enquadrados na referência daquele velho estudioso da Dialectologia brasileira, mas cuja análise pertence, sem dúvida, aos domínios da Semântica. Apenas citaremos êste, ainda, em que o adjetivo *grande* é substantivado, sendo precedido de *tal*, com a função de adjetivo: "O tal *grande* daqui de vocês que chegou hoje." (24)

ARTIGO

Há uma forma, usada no século XVI, que ainda se observa na fala rural e já foi registada pelo escritor cearense Gustavo Barroso, em seu livro *Terra de Sol*. É a forma *las* (as) no sintagma *tôdas las bandas*. Na ribeira do Acaraú (zona norte do Estado) escutamos de um vaqueiro: "O gado tá espaiado pra *tôdas las bandas*."

ADJETIVO

Antes de abordarmos o estudo das flexões lembramos também os casos em que se verifica a passagem do adjetivo a outra classe de palavra e vice-versa, como no seguinte exemplo, bastante curioso, da fala rural: "Não háí home mais *home* do que eu", em que o segundo *home* (homem) funciona na oração como adjetivo, exprimindo qualidades ou atributos inerentes ao substantivo.

GÊNERO — O adjetivo *mau* torna-se invariável na fala do povo, especialmente de semicultos, nos seguintes casos: "Êle não é *mau* pessoa; até não é *mau* sujeito." "F. não é *mau* criatura; não se pode dizer que seja *mau* camarada." Desaparece aí a oposição distintiva do gênero, que se regista na norma culta, fato êste que se atribui psicologicamente à influência dos sinónimos mais próximos, ou — como diz Wartburg — à "proximidade de esferas do significado".

Adaptações formais ao outro gênero ocorrem nas classes populares, incultas e semicultas, em adjetivos que são uniformes na

forma culta. Exs.: *traquinas* ou *traquina*, que, no masculino, muda a desinência para o (criança *traquina* — menino *traquino*); *banguela*, palavra de origem africana, com o masculino *banguelo* ("Ficô *banguela*", "sujeito *banguelo*"); *dentuça* derivado de *dente*, que, no masculino, se transforma em *dentuço* ("mulher *dentuça*", "menino *dentuço*") etc. Cite-se ainda *sovino* por *sovina* na fala de rústicos e crianças. A palavra *senvergonha*, composta por justaposição, na fala popular (pois adquire mesmo, em certos contextos, significações novas) e que sofre, muitas vezes, desnasalização do ditongo na sílaba inicial, passando a *sêvergonha*, muda de forma no masculino, em desacôrdo com a norma culta (menino *senvergonho*, cabra *sêvergonho*).

O adjetivo *puba*, que significa apodrecido, azêdo, fermentado, e é de procedência indígena, adquire no masculino a forma *pubo*. Chá *pubo*, bôlo *pubo* são expressões ouvidas no Ceará. *Capim Pubo* é topônimo estadual. Conhecidíssima é a expressão *mandioca puba*. (Esse foi o nome de um chefe indígena, pertencente à nação tabajara, ao tempo das primeiras tentativas de colonização do Ceará.) O substantivo *chapa* que, em sentido figurado, adquire as significações de comum, muito repetido, com a função adjetivada, no masculino recebe a desinência *o*, nas classes populares incultas e semicultas ("história muito *chapa*", "vestido *chapo*").

O substantivo *monstro* é usado adjetivamente e passa a ter feminino: *monstra*, servindo então os dois gêneros — como já se indicou — para graduar a idéia expressa pelo substantivo. Exs.: "Veja que *ferida monstra*." "Um *monstro punhal*."

Garcia de Diego observa que esse "desdobramento bigenérico" dos adjetivos ocorre em dialetos espanhóis como o aragonês e se verifica na linguagem antiga. (25)

O termo popular *bocório*, o mesmo que *bocó*, usual no Ceará com as acepções de desajeitado, atrasado, mal preparado, é dito, não raro, nos dois gêneros, *bocora* ("estudante *bocora*", "velha *bocora*").

Essas acomodações ou adaptações, ocorriáveis sob a influência das terminações genéricas, são realmente fatos "morfológicos" e não "fônicos" — como já observara Pedro Henriquez Ureña.

Alguns adjetivos terminados em *or* fazem o feminino irregularmente em *eira*. Exs.: *namorador* / *namoradeira*, *falador* / *faladeira*, *caidor* / *caldeira*, *dançador* / *dançadeira* etc. Substantivam-se, por vezes, êsses adjetivos. *Caminhadreira* é o nome de uma serra no Ceará.

A forma *moradeira*, feminino de *morador* (serviçal residente em propriedade rural) é comum na região caririense, em lugar de *moradora*, usual na zona norte do Estado.

A propósito, considera um filólogo brasileiro: "Nenhuma relação morfológica há entre êstes femininos e os masculinos em — *or*. Prendem-se, sim, aos derivados em *eiro*, designativos de indivi-

duos que exercem certos misteres ou profissões; e sendo várias ocupações exercidas, desde tempos remotos, principalmente pela mulher, fixou-se em tais casos a forma feminina em *eira*, antes que se criassem os respectivos termos masculinos, para os quais o uso preferiu muitas vezes palavras terminadas em *or*." (26)

NÚMERO — O adjetivo proclítico, isto é, colocado antes do substantivo, geralmente mantém o *s* do plural. Exs.: — "*Altas horas da noite*" (fala culta, cuidada); "*Altas hora(s) da noite*" (em normas populares incultas e semicultas); "*boas pessoas*" (norma culta); "*boas pessoa(s)*" (normas incultas e semicultas, linguagem coloquial, descuidada) etc., etc.

Normas incultas, citadina e rural, mostram casos em que os determinativos vêm sempre pluralizados e os qualificativos, que sucedem ao substantivo, apresentam como êste a forma singular. Exs.: "*aquêles cabra sertanejo*", "*êstes cachorro danado*" etc., etc.

A oposição de número, constante da *norma* culta, desaparece aqui, o que contraria o sistema lingüístico português atual.

O adjetivo *boa*, quando qualifica o substantivo *família*, apresentando êste a acepção de descendência, às vezes pluraliza no colóquio popular. Exs.: "*F. até é de boas família*." O culto dirá sempre: "*até é de boa família*". Possivelmente, na expressão plebéia, a intenção de quem fala é pluralizar um substantivo que, entre as pessoas cultas, em tais casos, porque tomado em sentido abstrato, não se usa no plural. O homem do povo poderá, então, conceber na expressão referência aos dois lados da descendência — paterna e materna. Ou, ainda, à ligação do indivíduo, pelo sangue, a famílias que são consideradas "*boas*". Mas de acôrdo com a regra acima enunciada, o substantivo mantém-se no singular, enquanto o adjetivo que o antecede apresenta-se pluralizado. Também se ouve dizer em situações congêneres: "*F. até é de boas gente(s)*." A propósito dessa última palavra, registamos a sua pluralização, no meio inculto, em construções como esta: "*Gentes, se abanquem*", em que o nome é usado como fórmula de tratamento.

GRAU — Formas analíticas evitadas ordinariamente pelos cultos são usadas em níveis populares, incultos, a saber: *mais grande*, *mais bom*, *mais pequeno*, *mais ruim* (a forma *mais mau* não surge entre o povo; *mais malvado*, quando *mau* equivale a perverso, é a expressão preferida). Quanto aos comparativos de inferioridade respectivos, são usados pelo povo sempre em forma analítica. Os cultos preferem geralmente as formas sintéticas, embora usem, muitas vezes, na conversação, locuções do gênero de *mais ou menos grande*. *Menos grande*, *menos pequeno*, *menos ruim*, *menos bom*, em vez de *menor*, *maior*, *melhor*, *pior*, respectivamente, também correspondem a *mais pequeno*, *mais grande*, *mais bom* e *mais ruim*, no linguajar inculto, em que não são percebidas as diferenças, certas nuances de sentido, entre algumas dessas formas. João Ribeiro observa que *mais grande* ocorre em autores antigos, como *mais pequeno*, abo-

nando-se com um trecho de *D. João de Castro*, da autoria de Jacinto Freire. (27) *Mió*, que é usado pelos incultos, por analogia com o antônimo *pió*, de uso geral, admite a graduação *mais mió*, que, a par de *mais pió*, são formas analíticas hiperbólicas do comparativo. Retiramos da bibliografia regionalista o seguinte exemplo: "E inté, se eu não tivesse iscrivido meu nome talvez fôsse *mais pió*." (28) Essas formas são também empregadas pelos incultos, em outras regiões do País.

Mais melhor se encontra no *Leal Conselheiro*, assim como *mais principal*, locução evitada pelos cultos, mas que já encontramos no uso popular, tendo ocorrido o seu registo no sertão: "Nesta vida transitória a base *mais principal*." (29) Serafim da Silva Neto ocupa-se das formas *mais melhor* e *mais pior* encontradiças em velhos escritores portugueses. (30)

Já ouvimos de pessoas incultíssimas as graduações: *muito mais mió* e *muito mais pió*. *Pilhó* e *malhó* não são excepcionais entre os incultos, ultracorreções por influência provável de *milhó* (melhor).

Piquininim (pequenininho), *pichititim* (pechetitinho), *piquinim* (pequeninho), *milhòzim* (melhorzinho), *menòzim* (menorzinho) são formas comuns nas classes populares, podendo ser ouvidas mesmo de pessoas cultas.

A propósito do acúmulo ou repetição de sufixos para intensificar o efeito da graduação, em palavras como *pequeno*, colhemos que se verifica idêntico fenômeno com certas palavras no italiano e no espanhol. (31) No *Dicionário de Americanismos*, de Augusto Malarret, figura o vocábulo *piquinini* (*chiquillo*), de uso em Porto Rico, Cuba e Nicarágua.

O superlativo relativo o *mais menor de* é de emprêgo freqüente pelos incultos. Ex.: "*É o mais menor de nós três*." *Mais maior* surge também no falar inculto. Ex.: "*Ele é mais maió do que eu*." *Mais ruinzim* (ruinzinho), *mais piquininim* (pequenininho), *mais miòzim* (melhorzinho) são superlativos do linguajar plebeu e rural. *Muito do ruim*, *muito da ruim* são frases idiomáticas, "expressivas", bastante usadas pelo vulgo.

Em galego, os comparativos flexionais latinos em maioria foram substituídos por formas perifrásticas. (32) Em tom burlesco são proferidas as curiosas graduações adjetivais: *muito ótimo* e *ótimozim* (ótimozinho). O folclorista cearense Leonardo Mota recolheu o uso de *sofrivão*, no colóquio rural. ("Que tal você está me achando? — Home, sofre! — Oh! senhor! Só sofrível?! — Não, seu doutô: *sofrivão!*".) (33)

Exemplos de alguns superlativos absolutos sintéticos correntes no falar cearense: *grandessíssimo* (safado ou patife), *reverendíssima* (bêsta), *refnadíssimo* (patife ou canalha) etc. Já ouvimos o superlativo absoluto hiperbólico, aplicado jocosamente: *completamente esquistíssima* ("Aquilo é uma mulher completamente esquistíssima"). Trata-se de um caso isolado que referimos a título de

mera curiosidade, mas que reflete a capacidade produtiva do nosso homem do povo, no tocante à gradação nominal, criando, por vezes, *ultra-aumentativos* e *ultradiminutivos*, eivados de "afetividade" ou com implicações psicológicas dignas de ressaltar.

Já vimos o caso de *paidégua*, forma aglutinada popular, que comporta ainda superlativos hiperbólicos como *paidèguaçu* e *paidègüer-rimo*, comuns no meio urbano, em tom burlesco ou irônico.

Os adjetivos *redondo* e *quadrado*, que não admitem graus de significação, de acordo com as prescrições gramaticais, quando usados em acepções translatas, podem ter superlativos. Exs.: "*redondissimamente enganado*", "*quadradíssimo aquele sujeito!*", que equivalem, respectivamente, a *por completo, integralmente* (enganado) e a *ignorante, estúpido, em alto grau* (aquele sujeito).

Aliás, as formas *redondíssimo, a, quadradíssimo, a*, podem surgir no colóquio popular, tomado o adjetivo em acepção reta, normal, com o objetivo de reforçar ou intensificar a idéia por ele expressa.

Citaremos a seguir algumas interessantes formas com terminações aumentativas, recolhidas da fala popular e rural: *grandão* (muito grande), *pidão* (pedinchão), *choutão* (cavalo que anda sempre a chouto, trote miúdo e incômodo), *poupão* (diz-se do boi que, no carro ou na bolandeira, se esquivava, se poupa ao trabalho), *espião* (diz-se do cachorro que, de olhos súplices, fica assistindo às refeições), *podrão* (péssimo; der. de *podre*, que na gíria popular corresponde, às vezes, a mau, sem caráter). Dêstes, apenas os dois primeiros são generalizados entre a plebe e de uso familiar; os outros, são originários do meio rural. O diminutivo de alguns adjetivos (entre eles *bom, calado*, seguido da locução *da Silva*, é usado com o fim de reforçar o sentido da expressão. Exs.: "*Ficou bonzinho da Silva...*" "*Ouviu tudo caladinho da Silva...*"

O filólogo brasileiro Sousa da Silveira consigna vários modos analíticos de encarecer as qualidades, quase exclusivos do estilo familiar e do falar do povo. (34)

Por último, lembramos que os superlativos (O) *Santíssimo* e (O) *Altíssimo* circulam em tôdas as classes sociais como formas substantivadas; o primeiro, com a acepção de sacramento da Eucaristia, hóstia consagrada; o segundo, como sinônimo de Deus. Formas como *santíssimo, grandíssimo* são antigas, aliás, podem ser encontradas em documentos que procedem do século XV.

NUMERAL

Formas obsoletas ou antiquadas, ainda verificáveis atualmente nas normas incultas, citadina e rural: *corenta* (quarenta); *dezas-seis, dezassete, dezanove*. Alguns gramáticos opinam que se adote, isto é, fale e escreva, estas últimas formas, em razão de provirem das expressões do latim popular: *decem ad sex, decem ad septem* e

decem ad novem. (35) Em asturiano, segundo Diego, ocorrem as formas *dezaseis*, *dazaseis* e *dezaseys*. (36) Nas classes incultas, tanto em outros Estados brasileiros, a exemplo do Rio de Janeiro, como em Portugal, regista-se esse fato lingüístico.

Dizoiito já temos ouvido de pessoas alfabetizadas, parecendo-nos índice de certo grau de afetação, pois o uso dessa pronúncia é observável na antiga Capital do País, enquanto que a norma cearense prescreve *dezoito*. Fato idêntico regista-se a propósito de *catorze*, que não pertence à norma estadual (*quatorze*).

No tocante aos ordinais, apenas assinalamos o uso, pelos rústicos e as crianças, da graduação *mais primeiro* ("chegou *mais primeiro* do que eu") e, mesmo pelos cultos, do superlativo *primeiríssima* ("farinha de *primeiríssima*", "fazenda de *primeiríssima*" etc.).

Ambos, o chamado numeral *dual*, pode surgir eventualmente na boca de semicultos sob a forma pleonástica ou reforçativa — como prefere Said Ali — *ambos os dois*, que foi usada por escritores antigos e mais recentes, a exemplo de Herculano e Garrett, bem assim, *ambos de dous* e outras equivalentes. A locução *ambos os dois* é registada no linguajar carioca, entre os incultos. (37) *Tanto*, com a função de numeral multiplicativo, ocorre na fala popular, tendo sido registado como processo freqüente na língua ativa. Ex.: "Ele já fez quatro *tanto* do que os outros já fizeram..."

PRONOME

PESSOAIS — Os fatos mais dignos de realce pertencem antes ao domínio da Sintaxe do que à Morfologia propriamente dita.

Todavia, cabe-nos apontar aqui os seguintes: *tu* e *vós* são substituídos, de regra, em todos os níveis socioculturais, por *você* e *vocês*, respectivamente, concordando com o verbo na 3.^a pessoa. É o que se chama de 2.^a pessoa *indireta*, no caso *reto* do pronome pessoal. Corrompe-se em *ocê*, não raro pronunciado com ligeira aspiração faríngea, pelos rústicos e as crianças. O fato é de registo em outras zonas brasileiras, da mesma forma que *vancê*, circulante no linguajar plebeu do Rio de Janeiro. *Tu*, que é freqüente em certos Estados, como o Pará, para só nos referirmos ao Norte (é mencionada a sua ocorrência no Rio G. do Sul), só excepcionalmente aparece na região cearense, com o verbo na 3.^a pessoa do singular e, menos freqüente, na 2.^a pessoa do plural, e isso apenas nos meios incultos, em orações marcadas pela "afetividade", não raro de sentido depreciativo ou recriminatório. Exs.: "*tu é bêsta*", "*tu vale nada*", "*tu sois gente*", "*tu sois nada*", "*pra que tu fizesses isso*".

Cabe aqui distinguir o uso de *vós*, quando concerne ao plural de *tu*, isto é, se refere a mais de uma pessoa, então sempre substituído por *vocês* e quando indica uma só pessoa, equivale a *tu* como fórmula de tratamento habitual ao modo do francês *vous* e corresponde sempre a *você*. Nas normas incultas, o verbo em ambos os casos está

sempre na 3.^a pessoa do singular. Já na norma culta o verbo, no 1.^o caso, estará na 3.^a pessoa do plural, e no segundo, na 3.^a pessoa do singular.

Vós surge em orações religiosas, em formas cristalizadas, da mesma sorte que em outras regiões brasileiras ("Bendita sois vós entre as mulheres...") (38) Também se usa nos estilos burocrático, epistolar (em sinal de respeito), literário ou guindado.

Rodrigues Lapa frisa que a 2.^a pessoa do plural está praticamente perdida em Portugal e é substituída em geral, pela 3.^a pessoa do plural, salvo no falar de algumas regiões do Norte e da Beira, onde o vós ainda circula. (39) É interessante verificar que, ao contrário do que se observa entre nós, na América onde se fala o espanhol o uso do *tu* é considerado castiço e recomendado em lugar do vós, tido como peculiaridade vulgar e censurável da fala dos argentinos. (40)

Em Vale-de-Lôbo (Beira Baixa) o tratamento por *você* (*você* isto, *você* aquilo) apresenta sentido depreciativo, quase injurioso, (41) observação esta que se pode estender ao meio provinciano, em Portugal. Costuma dizer-se aí "*você* é estribaria", e substitui-se a forma de tratamento a que aludimos por *vossemecê*, afinal a mesmíssima coisa — diz um estudioso luso — pois *você* não é mais que uma condensação de *vossemecê*. (42)

A propósito, acentuamos que o inculto usa muito *vosmicê*, em geral nasalizando a vogal da 2.^a sílaba que soa *i* (*vosmincê*). *Vamicê* e *vamincê* circulam bastante nos meios incultos, especialmente rurais, em proporção bem maior do que *vancê*.

Embora chegue a chamar a atenção dos forasteiros o tratamento abusivo de *você*, ocorrente no Ceará, onde até a pessoas estranhas, mesmo de certa posição social, não raro é aplicado em lugar de *o senhor*, diz-se, às vezes, por polidez ou respeitosa, *o senhor*, *a senhora*, *os senhores*, *as senhoras*, em determinadas situações, com o verbo na 3.^a pessoa. *Vossa Senhoria* não é excepcional na conversação, dirigindo-se um homem do povo a pessoa de nível social superior. *Nhôr* e *nhô* são empregados pelos incultos, rurícolas especialmente, em substituição a *senhor*, de que são formas corruptas. Exs.: "*Nhô sim*", "*Nhôr não*." *Inhô* (*iô*) é ouvido freqüentemente nos mesmos níveis socioculturais, em resposta a um chamamento ou interpelação. "*Fulano! — Inhô?!*" Em Portugal foi recolhida a forma *nhor*: "*Eh Fslisco? Nhor?*" (43)

Espécie de *pronomem reverentiae*, a palavra *senhor* é usada, de ordinário, sob a forma *seu*. No feminino aparece a forma *sinhá*, que se desnasaliza muitas vezes; e, em outras, além disso, sofre a síncope do *i*. Exs.: "*Seu Delegado, seu Zeca, seu Doutô, seu Manuel; sinhá* (*siá*) *Maria, siá Francisca siá Raimunda, sá dona, sá Maria*". *Senhora* dona encontra-se na literatura folclórica regional: "*Senhora dona Zefinha*"; "*Adeus, senhoras donas*". Macedo

Soares, no século passado, já anotara o uso, no Ceará, das fórmulas de tratamento *senhora dona*, *sinhá dona* ou simplesmente *dona*". (44)

Seu Zé ouve-se de rústicos e crianças, destinado mesmo a pessoas que se não chamam José, como forma geral de tratamento. *Seu menino* e *dona menina* são freqüentes no linguajar de pessoas das classes humildes, dirigido a homem e mulher, respectivamente, de maneira indistinta — e o que é curioso — com exceção das crianças. Também usa a plebe *sá* ou *siá* (*sinhá*) *menina*. Na Espanha usa-se *señá* por *señora*. É interessante observar certos matizes expressivos referentes ao emprêgo de *senhor* e *senhora*, como tratamento, nesse e em outros países, de acôrdo com a recomendação de Júlio Casares. (45) No Brasil, efetivamente, encontrar-se-á muito a registrar, nesse sentido, como peculiaridade de certas regiões e, mesmo, de níveis socioculturais em suas inter-relações humanas.

A *gente* ocorre entre o povo em lugar de *nós*. Exs.: "A *gente* estava brincando acolá." "Tudo estava tão bem, quando êle chegou e mexeu com a *gente*." A respeito, Charles Bally frisa que *on* vai suplantando a *nous*, na língua francesa. (46) Observe-se, porém, que o uso dêsse indefinido substitui com maior freqüência o do reflexivo *se*. Retiramos da literatura folclórica: "Ceará é terra do principêia: a *gente* almoça mas não ceia." "Querê vivê no Ceará é mesmo que a *gente* querê se atrepá em pau de sebo." (47) Ocorre entre os rústicos e as crianças o uso do verbo na 1.^a pessoa do plural ("A *gente* brigamo").

Outras fórmulas de tratamento, encontradiças no falar do sertanejo e do homem do povo em geral: *homem* (com desnasalização do ditongo final), *bichinho*, *seu môço*, *minha senhora*, *meu senhor*, *môço*, *velho* (êste de emprêgo mais recente na gíria urbana, com ligeiro tom afetoso e sem conotação etária); *negrinho*, *negro*, *compadre* e *comadre* (mesmo que não o sejam), *liga* (com acento de gíria citadina); *coronel* (dirigida a pessoa de idade proecta, geralmente um fazendeiro, proprietário rural ou chefe político), bem assim *major* e *seu major* etc. Da forma arcaica *homem* e de *a gente*, usados na linguagem atual como pronomes derivados de substantivos, ocupou-se, entre outros, o filólogo Said Ali. (48)

Os tónicos preposicionados apresentam-se da seguinte maneira: — 1.^a pessoa do singular: *comigo* nas classes cultas; *com eu* e *mais eu* nas classes incultas e crianças; 2.^a e 3.^a pessoas do singular e do plural: *com você*, *com vocês*, excepcionalmente *consigo* (classes cultas); as mesmas formas, além de *mais você*, *mais vocês* em níveis socioculturais inferiores; 1.^a pessoa do plural: *conosco* (norma culta), *com nós*, *mais nós* (normas incultas, rural e citadina).

POSSESSIVOS — Os possessivos referentes à 2.^a pessoa (singular e plural) são usados apenas esporadicamente sob as formas *teu*, *tua*, *vosso*, *vossa*, *teus*, *tuas*, *vossos*, *vossas*. O mais comum é o emprêgo das locuções *de você*, *de vocês* para os dois gêneros. Exs.: "o livro *de você*", a casa *de vocês*, a boneca *de você*, o caderno *de vocês*.

Mas, também, principalmente de cultos e semicultos, podem ouvir-se: *seu, sua, seus, suas*. Em sinal de respeito, e, às vezes para afeitar falta de intimidade ou mesmo desagrado, podem ser empregados *do senhor, da senhora. Dêle, dela, dêles, delas*, são formas usadas comumente para a terceira pessoa (singular e plural). Exs.: "A casa *dêle* está bem instalada." "As mulheres *dêles* são senhoras distintas." "O vestido *dela* é bonito." "As jóias *delas* foram compradas no Rio." Em todos esses casos estamos tratando de *pronomes possessivos adjetivos*. Mas, aplica-se também a observação aos pronomes possessivos em função substantiva.

Segundo já foi registrado, a propósito do falar carioca, o possessivo *vosso*, apenas aparece em expressões fixadas e fórmulas de tratamento: "Vossa Senhoria", "Vossa Excelência", alterado em "Vossa Incelença" no meio inculto; "Venha a nós o *vosso* reino (do "Pai Nosso")", "Aqui estou em *vossa* porta" (dos autos folclóricos do *Reisado* e das *Pastorinhas*) etc. (49)

Certos cearenses, mormente do interior do Estado, usam os possessivos *nosso, nossa*, em lugar de *meu, minha*, ao se dirigirem a pessoas de cerimônia ou, apenas, a que desejam ser amáveis, em expressões como a seguinte: "Esta é a *nosso* casa, doutor." O emprêgo repetido dessa peculiaridade por alguns indivíduos chega ao ponto de motivar verdadeiros "casos lingüísticos", que já passaram ao anedotário: "Este é o *nosso* filho, dona Maria."

DEMONSTRATIVOS — No colóquio popular encontramos, vez por outra, *um, uma*, a imprimir ênfase à oração e a acusar valores estilísticos, como nas seguintes construções transcritas da literatura folclórica regional:

— "Que milagre é *um*, que alma foi essa que entrou hoje no céu?"

— "Vangelista, que história é *uma*?" (50)

Percebe-se que o indefinido transmite maior força expressiva do que se fôsse usado o demonstrativo, em seu lugar.

Os demonstrativos *isto, isso, aquilo* são muito empregados pelo povo, de referência ao ser humano.

A literatura folclórica recolheu alguns casos importantes:

— "Homem, esse Adelino, *isso* é bicho bargado. *Isso* dá bôlo até em Desembargador." — "Mas espera, *isto* é que é o má?!" — "Eu conheço *aquilo*, seu Dr., França não é lá qualidade de cristão."

Observa-se, pois, em tais casos, que o demonstrativo exprime valores afetivos, adquirindo significação claramente depreciativa.

Como no falar carioca, não se verifica a menor distinção entre os demonstrativos *êste* e *êsse*, bem assim, é indiferente, no Ceará, o uso de *isto* e *isso*.

O demonstrativo *mesmo* apresenta graduação: *mesmíssimo, mesmíssima*. Exs.: "É a *mesmíssima* história de sempre." "O *mesmíssimo* sujeito que você conheceu."

O demonstrativo *o* é bastante encontrado na fala popular, tanto sujeito à variação de gênero e número, como invariável. Exs.: "O que espero de você é sinceridade." "O que mais me aborrece é ter de me encontrar todos os dias com aquele sujeito." "Dêsses todos o que eu mais detesto é F." "Dessas comidas *a* que eu mais gosto é a carne torrada." "De tôdas elas *as* que eu gosto mais..."

INDEFINIDOS — Merecem destacadas as seguintes ocorrências: a graduação de *tanto* (*tantíssimos, tantíssimas*), mais comum entre cultos e semicultos; a nasalização de *muíto* (*muíto* na norma culta e *munto* nas classes incultas); a flexão genérica de *menos*: *menas* pessoa(s), observável nos falares incultos e semicultos; a substituição de *todo* por *tudo* (nós *tudo*), freqüente em níveis socioculturais inferiores; a persistência das formas arcaicas *ua* e *alqua* (*u* nasalado), mínimos de *um* e *algun*, com os plurais respectivos, o que é geral no Ceará. Lembramos aqui que em autores portugueses antigos *tudo* era escrito *todo*, como se poderá verificar em D. Duarte e outros. (51)

O emprêgo do artigo indefinido antes de *tudo* serve para realçar ou intensificar a representação, como nas orações: "Tinha de *um tudo* pra se comê." "Isto vai ser é ano de fartura de *um tudo*."

Karl Vossler, quando trata do *elativo psicológico* em línguas como o Italiano, estende-se a propósito daqueles casos a que os gramáticos chamam de *atração*, isto é, de assimilação das partes invariáveis da oração às invariáveis. (52)

O indefinido *nada* recebe a flexão diminutiva, que serve para reforçar o sentido do termo (*nadinha*). É substantivado na expressão *um nadinha*, correspondente a *uma coisa de nada, um quase nada*, em que se observará outro matiz semântico transmitido pela graduação diminutiva. Cuervo regista a ocorrência do diminutivo *nadita* em espanhol, acentuando que não altera a significação de *nada*, imprimindo apenas valores "afetivos" à expressão. (53) *Home(m)* a indicar agente vago e indeterminado ocorre no falar do povo, como na língua antiga. Ex.: "Nunca *home* andou naquelas bandas."

RELATIVOS — O pronome relativo adjetivo *cujo* é substantivado em expressões como "o dito cujo" e simplesmente "o cujo". A esses casos consideram muitos gramáticos como de *derivação imprópria*, portanto, enquadrados em outro capítulo do estudo dialetológico. Pensamos, contudo, ser necessário destacá-los aqui. Exs.: "Ali está o *cujo*" (do colóquio popular). "Butel o Faisca enriba do boi roxo, o *dito cujo* que me falou o caça-tatu (da literatura folclórica regional). (54) Entre semicultos regista-se o uso equivocado ou para efeito de ênfase, de *cujo*, como equivalente de *que*, o *qual*. Este fato pode ser observado na escrita, especialmente de tabellães. Ocorre na fala popular dominicana e em outras regiões da América Espanhola. (55)

Como na fala popular de outras zonas nacionais, o relativo em aprêço pode vir acompanhado do artigo definido ("O homem cujo o filho morreu na guerra").

Entre o povo, o pronome *quem* aparece de referência a coisas e pessoas, animais racionais e irracionais, fato êste também verificável no português antigo. Exemplos da literatura regionalista:

— "Topar *quem*? êste cavalo?"

— "Êste ano de nação de quatro pé só *quem* escapa é tamborete, de bicho de fôrgo só *quem* escapa é fole."

Que com o valor de *quem* é registável na fala popular, como em obras antigas. Exs.: — "Vós sois lembrado da formosa Tenoluia, em *que* nos falou vossa parenta." ("Comédia Ulypssipo", de Jorge de Vasconcelos. Ap. *Selecta Clássica*, de João Ribeiro).

— "E foi lá êle *que* ajuntou o *que*!" (literatura folclórica regional). (56)

Onde, aonde, donde, adonde, precedidos de substantivos são empregados como relativos, por *em que* e *de que* em geral referidos a lugar, mas também, em certos casos, com diferente denotação, embora menos freqüentemente, na conversação descuidada. *Donde* e *aonde*, mais raro *adonde*, são comuns em autores antigos por *onde*. Exs.: "As comidas do quartel, *aonde* os soldados adoecem pra tôda a vida." "Os ensinamentos e as boas ações dos meus pais, *aonde* aprendi a ser honesto." No meio daquela gente, *adonde* aprendi muita coisa..."

De há muito, foi observada a divergência no uso pelo povo e pelos literatos do advérbio locativo e o relativo citados, que os últimos empregam, às vêzes, indevidamente mesmo tratando de lugar ("a cidade *em que* isto se passou" etc.). (57)

Em tôdas as *normas* faladas há o emprêgo do artigo definido antes do *que* interrogativo. Mesmo os cultos dizem, na conversação normal: — "O *que* foi *que* você fêz aí, menino?" — "O *que* foi *que* houve na Praça do Ferreira?" — "O *que* é bom pra dor de cabeça?"

Aliás, o uso referido é aceito por alguns gramáticos que se abonam com trechos de escritores portugueses de bom quilate e há quem o recomende em benefício da expressividade. (58)

Para Alonso e Ureña são advérbios relativos (de lugar) semelhantes aos pronomes, em espanhol, as palavras *donde* e *adonde*. Andrés Bello chama-os de "advérbios pronominais relativos". (59)

Por interessar mais a um estudo propriamente sintático deixamos aqui de tratar de ocorrências tão debatidas como o iniciar de períodos pelo pronome oblíquo átono, geral na fala não só cearense como brasileira; o uso da forma de dativo *lhe* pelas de acusativo *o, a*; o pronome *êle* em função de acusativo; *me* em função de objeto direto substituído por *mim* (*mim dê*, etc.) e outros fatos que eram correntes na língua antiga e ainda se ouvem em Portugal.

VERBO

REGULARES — As normas incultas, urbana e rural, apresentam diferenças da *norma* culta, verificando-se redução e simplificação de flexões.

NORMAS INCULTAS

1. ^a conjugação	2. ^a conjugação	3. ^a conjugação
INDICATIVO		
PRESENTE		
S. Eu gosto Você gosta (tu gosta) Ele gosta P. Nós gosta Vocês gosta (vocês gosto(m)) Eles gosta (eles gosto(m))	S. Eu bebo Você bebe (tu bebe) Ele bebe P. Nós bebe Vocês bebe Eles bebe	S. Eu parto Você parte(tu parte) Ele parte P. Nós parte Vocês parte Eles parte
PRETÉRITO IMPERFEITO		
S. Eu gostava Você gostava (tu) Ele gostava P. Nós gostava Vocês gostava (gostavo(m)) Eles gostava(gostavo(m))	S. Eu bebia Você bebia (tu) Ele bebia P. Nós bebia Vocês bebia (bebio(m)) Eles bebia(bebio(m))	S. Eu partia Você partia(tu) Ele partia P. Nós partia Vocês partia(partio(m)) Eles partia(partio(m))
PRETÉRITO PERFEITO		
S. Eu gostei Você gostou(tu) Ele gostou P. Nós gostamo(s) Vocês gostaro(m) Eles gostaro(m)	S. Eu bebi Você bebeu(tu) Ele bebeu P. Nós bebemo(s) Vocês bebêro(m) Eles bebêro(m)	S. Eu parti Você partiu(tu) Ele partiu P. Nós partimo(s) Vocês parti-ro(m) Eles parti-ro(m)

Usam os incultos dizer na 2.^a pessoa do singular: *tu gostasse, tu bebesse, tu partisse*. Também se ouvem na 1.^a pessoa do plural da 1.^a conjugação: *nós gostemo, nós andemo, nós caminhemo* etc., talvez com mais freqüência do que *nós gostamo* etc.

Observa Nascentes, a propósito da terminação — *aro*, que ela não representa a conservação do arcaísmo — *arom* (lat. *arunt*) desnasalizado, mas sim uma corrutela da forma correta *aram*. Idêntico fenômeno regista-se nas 2.^a e 3.^a conjugações (*erom / erunt* — *irrom / irunt*), podendo verificar-se ausência da desnasalação, na fala culta, como, aliás, ocorre também na 1.^a conjugação. Evidentemente, no caso, devemos-nos acautelar ante a possibilidade de emitir interpretação arbitrária.

Aliás, no Ceará, como no Alentejo, em Portugal, verifica-se a alteração da desinência *am* da 3.^a pessoa do plural em *om*, em todos os tempos onde aparece, por vêzes com desnasallzação na fala inculta. Paiva Boléo cita o caso de *foram*, no baixo-alentejano, que é pronunciado *fôro* (fôru). (60)

SUBJUNTIVO

PRESENTE

S. Goste	S. Beba	S. Parta
"	"	"
P. Goste(ou gostemo)	P. Beba (ou bebamo)	P. Parta
"	"	"
"	"	"

PRETÉRITO IMPERFEITO

S. Gostasse	S. Bebesse	S. Partisse
"	"	"
P. Gostasse	P. Bebesse	P. Partisse
"	"	"
"	"	"

PRETÉRITO PERFEITO

S. Tenha gostado	S. Tenha bebido	S. Tenha partido
"	"	"
"	"	"
P. Tenha gostado	P. Tenha bebido	P. Tenha partido
"	"	"
"	"	"

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

S. Tivesse gostado	S. Tivesse bebido	S. Tivesse partido
"	"	"
"	"	"
P. Tivesse gostado	P. Tivesse bebido	P. Tivesse partido
"	"	"
"	"	"

FUTURO SIMPLES

S. Gostá (gostar)	S. Bebê (beber)	S. Parti (partir)
"	"	"
"	"	"
P. Gostá (gostar)	P. Bebê (beber)	P. Parti (partir)
"	"	"
"	"	"

FUTURO COMPOSTO

S. Tivé (tiver) gostado	S. Tivé (tiver) bebido	S. Tivé (tiver) partido
"	"	"
"	"	"
P. Tivé (tiver) gostado	P. Tivé (tiver) bebido	P. Tivé (tiver) partido
"	"	"
"	"	"

IMPERATIVO

S. Goste (você)	S. Beba (você)	S. Parta (você)
Goste(m) (vocês)	Beba(m) bebo(m)	Parta(m) parto(m)
	(vocês)	(vocês)

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL

PRESENTE

Gostá (gostar)		Bebê (beber)		parti (partir)
----------------	--	--------------	--	----------------

O Impessoal no Pretérito é usado sob as formas: *ter gostado*, *ter bebido*, *ter partido*, respectivamente. Não só na fala inculta é comum o uso do Inf. flexionado, mas entre semicultos na conversação e na própria escrita, em desacôrdo com as prescrições gramaticais. Exs.: "Queiram sentarem-se", "podem comerem" etc.

GERÚNDIO

Gostando (gostano)		Bebendo (bebeno)		Partindo (partino)
--------------------	--	------------------	--	--------------------

PARTICÍPIO

Gostado		Bebido		Partido
---------	--	--------	--	---------

Viu-se, pelos exemplos citados, como certas oposições de número e de pessoa na *norma* culta não são reveladas pelas formas verbais incultas. Também desaparecem certas oposições *temporais*. O Futuro do Presente Simples do Indicativo é substituído pelo Presente do Indicativo, o Futuro do Pretérito Simples do Indicativo pelo Imperfeito do Indicativo e o Mais-Que-Perfeito Simples do Indicativo não ocorre. O filólogo cearense Clóvis Monteirol já havia registado o fato do emprêgo do Presente pelo Futuro no falar, não só cearense, mas brasileiro. Acrescentamos que essa ocorrência se observa também em Portugal, conforme o testemunho de Rodrigues Lapa. No Ceará, além dessa substituição, regista-se ainda a do Futuro por uma perífrase com o verbo *ir*: "*Vou fazer amanhã o que lhe prometi.*" Já é extensa a bibliografia relacionada com o tema, havendo, a propósito da ocorrência em espanhol, explicações "morfológica" e "semântica" ou "estilística", além de outra, mais essencial, que é atinente à concepção mesma do tempo. (61) Renato Mendonça cita um caso ocorível não só no meio culto como nos ambientes inferiores socioculturalmente: "*Você vai amanhã lá em casa?*" — "*Vou sim.*" (62)

O emprêgo do Presente do Indicativo pelo Futuro do Pretérito Simples pode ser registado. Na literatura folclórica nordestina encontram-se os seguintes versos:

— "E se não são os cachorros
Ainda ninguém o *pega*."

Infrações ao que prescreve a *norma* culta no domínio das oposições modais podem ser observadas nos falares incultos.

Já citamos os casos de *gostasse* por *gostaste*, *bebesse* por *bebeste*, *partisse* por *partiste*. A substituição de um Infinitivo regido de preposição pelo gerúndio, em locuções verbais com um auxiliar, é freqüente, como em todo o Brasil, atingindo mesmo a literatura escrita. Essa ocorrência começou a impor-se entre nós, desde meados do século passado, com os românticos — observa um autor. Entre quinhentistas e seiscentistas o fato era comum. *Andava armando, estava olhando, estava tangendo, estava caindo, andava pastorando*, poder-se-ão encontrar em “Menina e Môça”, de Bernardim Ribeiro, para citar apenas um exemplo de obra conhecida.

A verdade é que, não raro, inexiste correspondência “expressiva” perfeita entre as duas locuções perifrásticas. Certamente, em nossa região não se expressa o mesmo com as locuções “*estava olhando para a rua*” e “*estava a olhar para a rua*”, faltando à primeira o sentido de progressão, continuidade da ação, que há na outra.

P. Boléo regista a ocorrência no “falar meridional” (províncias ao Sul do Mondego) — “*esteve dezendo*” por “*esteve a dizer*”.

Era comum nos escritores antigos, como já observaram alguns filólogos, a exemplo de F. Costa Marques, o emprêgo de um tempo verbal por outro, podendo apontar-se casos em produções de D. Dinis, Gil Vicente, no *Cancioneiro Geral*, *Crisfal*, *Leal Conselheiro* etc. Damaso Alonso observa que o madrileno substitui o Futuro em numerosíssimos casos em especial pelo Presente ou pela forma obrigativa, etc. (*mañana voy, mañana tengo que ir*, etc.) Conclui o mesmo lingüista que é indubitável a tendência popular à substituição do Futuro, por exemplo, em amplos setores populares do mundo hispânico. (63) Vossler atribui decisiva eficácia no fato a causas espirituais, embora enumere causas fonéticas, as quais são consideradas por Wartburg as mais importantes. (64) Um estudioso espanhol — Eduardo Benot — ocupa-se detidamente do que chama “tempos translaticios”, dizendo que, nesse emprêgo de uns tempos por outros, há bem mais do que simples substituição de flexões; há nada menos que a criação de tempos para os quais não existem desinências nas conjugações por flexão. (65) Em todo caso, parece-nos merecer assinalada aqui a importância dos contextos semântico e sintático do discurso. A propósito, cabe ainda mencionar o que escreveu o português Rodrigues Lapa: “A fantasia e o sentimento aproximam de nós o fato futuro e incerto; a fantasia torna-o presente, o sentimento torna-o coisa certa. (66) Efetivamente, fatores psicológicos atuam nessas substituições; em regra não há — como se notou — equivalência “expressiva” integral entre as duas formas verbais.

VERBOS IRREGULARES — Nos falares incultos, são às vezes utilizados os processos de conjugações dos verbos regulares, reunindo-se em uma só forma as várias pessoas de cada tempo.

Destacamos, porém certos fatos pertencentes às *normas* incultas, especialmente a rural. São comuns as formas do verbo *dizer*: *dize*, *dixesse*, *dizemo*, *dixero*, no Pret. Perf. do Indic.; *dixesse* no Imperf. do Subjunt. e *dize* no Futuro Simples do Subjuntivo, para tôdas as pessoas. *Dizerei* (direi), bem como *fazerei* (farei) e *trazerei* (trarei) são comuns na fala popular inculta, formas essas, que estão em desacôrdo com a *norma* culta mas se acham dentro das possibilidades do *sistema*. No galego regista Garcia de Diego para o Futuro: "*traerei* = *traguerei*, *traerás*, e como formas antiquadas *tragerei*, *tragerás*, etc." (67)

No português antigo, eram usadas algumas das formas verbais aludidas. Gil Vicente, por exemplo, emprega *dize*, *dixeras*, *trazerá*; e outras formas podem ser encontradas em autores da primeira época da era clássica e mesmo antes, como as formas *trazerá*, *trazeriam*, no *Leal Conselheiro* e na *Crônica dos Feitos de Guiné*, de Zurara.

Dize, *dixi*, são formas obsoletas, que ainda permanecem no galego; e *dije* no castelhano vulgar. (68)

São ainda de normas incultas: *truve* e *truxe*; *trôve* e *trôxe* — 1.^a pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo, as duas primeiras formas verbais; as duas últimas — 1.^a pessoa do singular, 2.^{as} pessoas do singular e plural e 3.^a pessoa do singular do mesmo tempo. Quanto à primeira pessoas e à terceira do plural é mais comum usarem *truvemo* e *truvero*, respectivamente, embora se possam ouvir *truxemo* e *truxero*.

Do mesmo verbo (trazer), recolhemos das normas incultas *truisse* e *truxesse*; *truvé* e *truxé*, nos Pretéritos Perfeitos Simples do Indicativo (2.^a pes. sing.) e Imperfeito do Subjuntivo (tôdas as pessoas) as duas primeiras, e no Futuro Simples do Subjuntivo (tôdas as pessoas) — as duas últimas.

Truce e *trucé*, *trucêsse* são também escutadas nas classes populares e escapam mesmo de pessoas cultas, na conversação descuidada.

Zurara empregou *trouveram*, *trouvesse*; no *Leal Conselheiro* encontramos *trouvermos*, *trouver*.

Dize ou *dixi*, *dixestes*, *dixer*, bem assim *trouve*, *trouvera*, *trouvesse*, estão na *Crestomatia Arcaica*, de J. J. Nunes. São considerados modismo vulgar castelhano — *truje* e antigo castelhano *troje*. (69) Formas verbais arcaicas da fala popular dominicana, tanto urbana como campesina: *truje*, *trujieron* ou *trajieron*, *dijieron* e outras. (70) Em Pôrto Rico, ocorrem *truje*, *trujieron*, *dixieron* e na Beira (Portugal) diz-se que até os cultos costumam pronunciar *sube*, *cube*, *truxe* ou *truve*. (71) Aliás, certas dessas formas chegaram a ter aceitação literária, em séculos anteriores ao nosso. *Sube* aparece em José de Alencar e Juvenal Galeno, escritores cearenses.

As formas *impido*, *impida* (v. impedir), usuais nas classes incultas, são empregadas pelos clássicos, entre êles Camões. A forma moderna culta *impeço* é anômala, pois nenhuma conexão etimoló-

gica apresentam os verbos *impedir* de (*impedire*) e *pedir* (de *petere* /*petire*). (72)

A respeito, cabem, decerto, as seguintes considerações de Garcia de Diego: "Não obstante o desdém com que a cultura literária olha os dialetos e modos vulgares, não é infreqüente que seja a língua oficial e culta a desviada da forma correta e que seja o modelo fonético a forma vulgar." (73)

Pido, pida, são encontrados na fala rústica. *Perdo* (1.^a pessoa do sing. do Indic. Pres., do verbo *perder*) é comum na linguagem infantil e no falar inculto ("Me dê qu'eu num *perdo* não"). Regularização esta, decorrente de influência analógica.

O emprêgo do Pres. do Subj. pelo do Indic. é verificável entre os rurícolas na conjugação do verbo *poder*. Ex.: "Possa ser, seu Dr." (74)

Fizesses, fizesse, por *fizeste* surgem no linguajar de alguns iletrados e mesmo semicultos, indicando certo grau de afetação ou formas ultracorreções. Ex.: — "Jerome, tu pra cantá

Fizesses pauta c'o cão..." (75)

Idêntico fato é registrado ainda com relação a outros verbos, consoante já se observou anteriormente. O verbo *ver*, que, ao lado de *vir*, *ser* e outros é classificado como *anômalo* na NGB, apresenta em sua conjugação, naqueles mesmos níveis socioculturais, as formas *visses*, *visse*, por *viste* (e também *ouviste*), tanto interrogativamente como em casos afirmativos. Na conjugação do verbo *ser* são dignas de registo, nas normas incultas: as formas *semo(s)* (1.^a pes. pl. do Pres. do Indic.), *sêsse* (Pret. Imperf. do Subj.), *fumo(s)* (2.^a pes. do pl. do Pret. Perf. do Indic.); *sêje* (seja).

Semos é do castelhano vulgar e do dialeto aragonês de Loarre (76) e, bem como *estemos* (v. *estar*), foi usada por Gil Vicente. É referida como forma verbal arcaica, na fala popular dominicana. Lembramos aqui a forma *semo*, antiquada em italiano e ainda ocorível na época de Ariosto. (77)

Fumo(s) aparece em Portugal, bem assim em galego e asturiano; é atribuída essa forma verbal à analogia com *fui*. (78).

É e *foi*, repetidos, são usados como refôrço expressivo, dão a idéia de prolongamento ou intensidade. Exs.: — "Este ano o inverno é grande." "O negócio *foi foi* duro de roer..."

O verbo *pôr* só excepcionalmente é empregado quando significa colocar, depositar etc. É substituído sempre por *botar* (*butá*). O seu uso se faz, de ordinário, com a acepção de expelir ovos, tratando-se de aves, especialmente domésticas.

A forma composta *dacá* (dá+cá) surge na fala popular, juntando-se-lhe, às vèzes, *me*. Exs.: "*Dacá*, menino!" "Me *dacá*, seu Zèzinho." Ocorre em países americanos de língua espanhola, considerando-a alguns autores como antiquada. Também se usam *dê cá*, *me dê cá*. Exs.: "*Dê cá*, bichinho." "Me *dê cá*, não faça isso."

Os participios passados regulares *dizido, escrivido, fazido, abrido, cobrido*, que não empregam os cultos, aparecem freqüentemente nas normas incultas e na linguagem infantil. A forma *matado* sobrepuja a irregular *morto* na fala inculta, mas as pessoas instruídas usam geralmente esta última, a não ser em casos esporádicos. Quanto a *morrido*, o homem do povo distingue bem de *matado* pela significação (*morte morrida*: morte natural; *morte matada*: morte por assassinio ou morte provocada).

Canso por *cansado* (v. *cansar*) é freqüente nos meios populares. Ex.: "*Tô canso de vê se fazê isso.*" Observa Malaret que regressões desse gênero são comuns na Espanha e países hispano-americanos. Não nos ocuparemos das alterações ocorrentes na pronúncia de certas formas verbais, tanto regulares como irregulares, as quais julgamos fora do domínio morfológico propriamente dito, embora fatos como a apócope do fonema consonantal *r* dos Infinitos Impessoais, geral no Ceará, possam revelar infrações ao sistema, com o desaparecimento de oposições distintivas no campo fonológico português, que se estendem ao das classes de palavras. Exs.: *bebê* (v. *beber*) e *bebê* (substantivo); *dá* (Inf. Imp. do v. *dar*) e *da* (combinação da preposição *de* com o artigo *a*) etc. etc.

Derivados do verbo *ter*, como especialmente *entreter, reter, manter* conjugam-se pelo povo como se fôsem verbos regulares, esquecida completamente a sua derivação. Exs.: Eu *entreto*, você *entrete*, que os incultos corrompem ainda em eu *enterto*, você *enterte* etc.

Casos de *metafonia* e outros fenômenos determinantes de alterações fônicas escapam, decerto, ao nosso interesse atual. Entretanto, não se poderá dizer o mesmo dos fatos decorrentes da *analogia*, em especial daquela que Grammont classificou de *analogia morfológica*. O sempre citado W. v. Wartburg considera a analogia como sendo "a força que tende à igualação da morfologia de um idioma, introduzindo nêle alterações que são de natureza distinta das mudanças fonéticas."

Por serem formas coincidentes com as encontradas em obras de escritores portugueses antigos achamos conveniente mencionar as seguintes, que se encontram nas normas incultas, rural e urbana: *alembrear, alevantar, ajuntar, amostrar, adjutorar, abastar, defamar, demudar, desapartar, estruir, encubre, maginar, prantar, preguntar, puna, samear, sigue, sojgar, trocar* etc.

Formas como *preguntar*, em Portugal são usadas pelos escritores, as pessoas cultas e também pelo povo das províncias, a exemplo do Alentejo onde se diz, ao modo do caboclo cearense, *pròguntar* e ainda *porguntar*. No castelhano vulgar citam-se os casos de *presignar-se, premitir*. (79) Na Beira Baixa circula o verbo *trocar* assim como a forma *alevantar*. (80)

Há ainda outros, dentre os exemplos cearenses apontados, que se podem verificar nas aldeias portuguesas, atualmente. Observe-se, porém que há certas formas verbais antiquadas circulantes nos meios

incultos, especialmente rurais, que são aplicados com acepção diversa da que empregam as pessoas cultas. O verbo *desistir*, por exemplo, é usado com o sentido de *defecar*; *correger*, no de percorrer, examinar detidamente; *assistir*, no de habitar, permanecer etc., etc. *Diseste*, *correja*, *asseste* são formas verbais, correntes no linguajar dos rurícolas incultos.

Examinaremos agora alguns fatos concernentes aos verbos auxiliares. É já notória a substituição, na fala popular e mesmo culta, do verbo *haver* impessoal pelo verbo *ter*, fato êste que chega a atingir a escrita. Contudo, o primeiro verbo é usado no Presente, no Imperfeito, nos Futuros do Presente e do Pretérito do Indicativo, no Infinitivo e no Futuro Simples do Subjuntivo. No Presente do Indicativo verifica-se freqüentemente, nas camadas incultas o alargamento de *há*, que passa a *hai*, o que certos autores consideram arcaísmo. (81) Ex.: “Não *hai* de havê nada, cumpade.” No Pres. do Ind. regista-se ainda a forma *havemo(s)*, da 1.^a pessoa do plural. As formas *havia* e *haverá* (impessoal) podem ser encontradas, porém, menos do que *tinha* e *terá*, e só entre cultos e semicultos. *Havera* por *haveria* é comum na fala inculta. Ex.: “Quem *havera* de dizê?!” No Futuro Simples do Subjuntivo deparamos com as formas *houvé* e, menos freqüentemente, *havé*. Exs.: “Se nós *houvé* de brigá...” “Se nós *havé* de fazê isso...” É mais comum, porém, “se nós *tivé* de fazê...” Pode ocorrer também a forma *havesse* por *houvesse* (Imperf. do Subj.)

O Pres. do Ind. surge nas classes incultas, sob a forma *é* quando regido pela preposição *de*, uniforme para tôdas as pessoas (*é de*). Exs.: “Si eu *é de* rasgá a roupa por tão pouca colsa.” Exemplo do folclore regional:

— “Fogo e mais fogo, vamos guerreá

Qui êste embaixadô nos *é de* ganhá.” (82)

“Si êles *é de* fazê isso, era milhó qui o mundo se acabasse...”

Ês-de por *hás-de* pode ser citado no Auto dos Congos:

— “E se fizé qualquer tributo

Ês-de ser arsarsinado”.

Outro exemplo: “Si *ês-de* matá o Alfere”...

O fato registado no Chile como “vício quase universal”, por Andrés Bello — de converter o acusativo em sujeito do impessoal *haver* (*houveram* festas, *haverão* desordens etc.) também ocorre em nossa região, especialmente entre semicultos.

O verbo *haver* temporal é substituído por *fazer* e *ter* no comum dos casos. Exs.: “*Faz* hoje cinco anos.” “Já *fazia* duas horas que nós távamo lhe esperando.” “*Teve* uma guerra há muitos anos.” “*Tinha* muito tempo pra esperá.” (83)

Há ainda observações interessantes nas falas urbana e rural incultas: certos verbos que não são pronominais passam a ser em contextos como os seguintes: “Eu acho de bem que vocês *se largue* dêsse negócio de “sete e meio.” “Home, *se larguem* de conversa

triste." (84) Outras vezes regista-se o contrário: "O bicho *aquetou*" (por *aquietou-se*). O verbo *rir*, quando usado reflexivamente, na fala inculta apresenta-se conjugado da seguinte maneira, no Presente do Indicativo:

- S. *Eu me ri* ou *Eu se ri*
 Você se riu ou *Tu se riu*
 Ele se riu
- P. *Nós se rimo(s)*
 Vocês se riro (riram / rirom)
 Eles se riro (riram / rirom).

A ocorrência já foi registada no linguajar carioca, de modo geral, com a observação de que na linguagem infantil o *se* aparece até na primeira pessoa. (85) Como se verifica, estende-se a observação, no Ceará, a todas as pessoas do verbo, nos meios incultos. O efeito estilístico, expressivo, de *rir-se*, bem como o de *sorrir-se*, que surge esporadicamente na fala popular ("*êle sorriu-se*"), já fôra anotado, entre outros, por Said Ali. Em conjugações perifrásticas, o pronome reflexivo é colocado antes do gerúndio *rindo*, compondo a forma *se-rindo* (*sirrindo*), invariável para todas as pessoas do verbo.

- S. *Eu (es)tava sirrindo*
 Tu ou você es(tava) sirrindo
 Ele ou ela es(tava) sirrindo
- P. *Nós (es)tava(mos) sirrindo*
 Vocês (es)tavo(m) ou (es)tava(m) sirrindo
 Eles ou elas es(tavo) (m) ou (es) tava(m) sirrindo.

Outros exemplos: — "*Tás sirrindo, cabra?! — Tá sirrindo d'eu, cabra sêvêrgô?! — Eles tão sirrindo de nós. — Nós tamô sirrindo da bestêra de vocês. — Tô sirrindo de você.*" É exato que pode ouvir-se também no último caso: "*Tô me rindo de você.*" Com outros verbos na voz reflexa, pode ocorrer a uniformização pronominal (*se*) nos falares incultos. Exs.: — "*Com quem foi que tu se casou?*" — "*Nós se ajuntemo e depois casemo*", ou, então, "*Nós se ajuntou e depois se casou.*"

Por último, citaremos alguns casos de "falsa analogia" próprios aos verbos em *iar*, na fala do povo.

Em desacôrdo com a *norma* culta, o matuto e os incultos, em geral dizem *principêia*. "Ceará é terra do *principêia*" encontra-se na literatura folclórica. (86) Ouvem-se ainda nos aludidos níveis culturais: *contrareio*, *contrareia*, *vadeio*, *vadeia*, *aliveia*, *apriceia*, *alumeia*, *vareia* etc. Sá de Miranda escreveu: "Que os *negoceia* assim..." Said Ali lembra que, em Portugal se diz *negoceio*, diverso do Brasil, onde a forma culta é *negocio*.

As locuções verbais perifrásticas, são usadas pelo povo, não raro, com o auxiliar *ter* no Pret. Imp. do Indicativo e o Particípio Passado do verbo principal para substituir o Mais-Que-Perfeito Simples do Indicativo (*tinha feito por fizera*); com os auxiliares *estar* e *vir* e o verbo principal no Gerúndio para substituir o Imperf. do Indic. (*tava fazendo ou vinha fazendo por fazia*); o Pres. do Indic. do verbo aux. *ir* com o Infinitivo do verbo principal para substituir o Futuro Simples do Presente (*vou fazer por farei*); a locução *ser capaz de* com o verbo em alguns tempos do Indicativo + o Infinitivo do verbo principal para substituir, em certos contextos, o Futuro Simples do Indicativo e o Futuro Simples do Pretérito. Exs.: "Só quem é capaz de fazer tudo num dia é o Raimundo." "Só quem era capaz de fazer", "Só quem será capaz de fazer", "Só quem seria capaz" etc.

ADVÉRBO

LUGAR — Típico e generalizado é o emprêgo repetido e freqüente de *acolá* (*aculá*), até mesmo quando cabia dizer *ali*, ao ponto dos sulistas volverem as suas atenções para essa peculiaridade do linguajar regional. Exs.: "Vou acolá." "Bem acolá." "Eu estava acolá." "Acolá estava um homem de prêto."

Perto apresenta o diminutivo *pertinho*, usado para reforçar o sentido do termo. Ex.: "Bem *pertinho* de mim estava uma cascavel." "A casa fica *pertinho* da Praça do Ferreira."

Na República Dominicana, o advérbio recebe facilmente diminutivos; admite, às vêzes, superlativos. Citam-se como exemplos ao lado de *tardísimo*, *tempranísimo* e *cerquisimo*. (87) *Cerquita* é comum na Argentina e outros países americanos de fala espanhola. Amado Alonso considera que o diminutivo parece conter mais um "realce do conceito"; "um deslindamento do conceito com relação à ocasião particular, motivado no afeto do falante". (88)

Onde de que já nos ocupamos a propósito dos *relativos*, é usado, nas classes incultas, também sob as formas *donde* e *adonde*, bem assim, *aonde*, entre semicultos e cultos em casos em que não é precedido de substantivo.

Exs.: — "Cheguei *aonde* *êle* estava" (pop. geral).

"Eu teja *adonde* *tivé*" (fala inculta rural).

— "Pra *donde* não fô Ceará" (idem).

Segundo já frisamos, essas formas são encontradas em autores portugueses antigos e ainda circulam em Portugal. (89)

Nas classes incultas nunca se ouve *acima*, mas *em riba*. A norma culta estabelece: "Estava colocado um pouco *acima*, lá no alto da serra." "*Acima* de nós, ficava o caminho para a gruta." Costumam

dizer os incultos: "Tava muito alto, *em riba* donde nós tava..."

Adiente por *adiante* é contraditório na fala rústica, forma essa também registada em Portugal. Ex.: "Ele ia *adiente* de nós tudo."

TEMPO — *Agora* admite o diminutivo, que serve para intensificar a sua significação ou para realce conceitual. Exs.: — "Você viu o José? — Passou *agorinha* por ali." "Passou ainda *agorinha* (*inda-gorinha*) por acolá."

Citamos ainda a terminação diminutiva em: *cedinho* (de cedo), em que se reforça o sentido da palavra primitiva. Ex.: "Amanhã *cedinho*, vamos ao sertão." "A milhó hora é bem *cedinho* pra se principiá a viagem." (A pronúncia comum da palavra é *cedim*).

Depois que, além de advérbio de tempo, pode também indicar ordem, apresenta nas camadas incultas as formas *despois*, *adespois*, *ao depois* e *ao despois*, pronunciadas *dispois*, *adispois*, *ao despois*, *ao dispois*, respectivamente. Autores portugueses antigos empregaram *despois* e *ao despois*, e Leite de Vasconcelos registou a primeira dessas formas em Portugal.

Aquí e *aí* funcionam como advérbios de tempo, no colóquio popular. Exs.: "Aí eu voltei pra casa." "*Aquí*, ele parte pra mim."

Logo, no Ceará corresponde sempre a imediatamente, já. No falar carioca, *logo* (adv. de tempo) significa: depois, mais tarde. Curioso: ao se despedir de um amigo o cearense nunca diz: "Até já", e sim, "Até logo."

Já e *já* é um reforço adverbial que pode ser encontrado no colóquio, mesmo de pessoas cultas. Ex.: "Eu quero isso *já e já*." "Si o gunvêrno não tomar o negócio a peito *já e já*." (Literatura folclórica regional.) (90) *Já, já* também é registado, talvez com maior frequência, intensificando a idéia. Exs.: "Vou *já já* mimbora." "Vou embora *já já*" (do colóquio urbano).

Então (*intão*) na norma culta, passa a *antão* e, menos vêzes, a *antãoce*, nas normas incultas, rural e urbana. Exs.: "Em 1914, a vida era *antão* muito barata"... "Um litro de farinha custava *antão* quatro vintém." "Tudo *antãoce*, naquele tempo bom, era fáci e barato"... Nesses casos parece-nos que *então* funciona realmente como advérbio de tempo, e não como conjunção conclusiva ou simples "expressão de situação", a que alguns autores se esquivam de considerar como verdadeiro advérbio. *Entonce* (*intonce*) é comum. Regista-a J. J. Nunes no português arcaico.

Antão ainda hoje é comum nas aldeias da Beira Baixa e de outras províncias portuguesas. (91) Ureña regista *antonces* como forma arcaica na fala rural dominicana.

MODO — Em alguns advérbios terminados em *mente* ocorre a figura de dicção *paragoge*. Exs.: *principalmentes*, *sòmentes* etc. Regista-se este fato em Portugal, na Extremadura, destacadamente. (92) No galego, embora raro, encontram-se as formas *solamentes* = *somentes*. (93) Observe-se, porém, que o inculto quase nunca usa os advérbios em *mente* substituindo-os pelos adjetivos correspondentes.

Tamém, *tomém* e *tombém* são pronúncias das classes incultas. *Tamém*, considerado, erroneamente, indigenismo, por certos autores, é comum na Beira, no Alentejo e na ilha da Madeira, entre os incultos. (94)

Dereitamente, usual nas classes populares, especialmente no interior do Estado encontra-se no *Leal Conselheiro*, na *Crônica da Tomada de Ceuta* e em outras obras portuguesas antigas.

A forma inculta *cuma* pode relacionar-se com o arcaísmo *coma* (como).

INTENSIDADE — Como já vimos anteriormente, *multo* é nasalizado pelos cultos (*múinto*) e incultos (*munto*). O advérbio *multo*, como certos outros, pode flexionar-se por analogia, quando tem natureza nominal: "Com *multa mais* fôrça."

Em Portugal é encontrável a forma *munto* e no português de Damão *munto*. (95) Formas gradativas desse advérbio são conhecidas no falar cearense.

Bem é usado como advérbio de intensidade. Exs.: *bem grande*, *bem bom*. Equivale a *multo* e é já antigo o uso referido, na língua portuguesa.

O advérbio *mais* se usa às vezes com o sentido de *tão*. Ex.: "Que pão *mais* branco!". "Sujeito estúpido, *mais* ignorante!"

Quase é pronunciado *quaje* pelos analfabetos e semicultos, no meio rural, ocorrência que é registada nas aldeias portuguesas entre os campônios, na ilha da Madeira etc. e certos autores consideram de origem antiquada.

NEGAÇÃO — *Jamais* é usado com a acepção de *quanto mais*, *ainda mais*, *principalmente*. Ex.: "Si não fiz isso antes, *jamais* agora." Houve quem registasse o fato como neologismo, comum entre o povo. (96)

A forma pleonástica *nunca jamais* pode aparecer entre semicultos e, propositalmente na língua literária. Os cultos evitam-na, porém, na conversação e se acaso a proferem é com intenção burlesca ou irônica. Um reforço da negativa, apenas empregado jocosamente pelas pessoas cultas é *nunca jamais em tempo algum*. No *Leal Conselheiro* acha-se a seguinte construção: "*que non ven jamais em alguu tempo*". Nessa obra se encontra também *nunca, jamais*, bem como, no *Cancioneiro Geral*: *nunca jamais quis casar*". *Jamais nunca* é freqüente em obras da época anteclassica.

Há ainda quem refira o uso de *nanja* pelos sertanejos, a gente rústica, com o sentido de *não, nada*. É registado o termo no Alentejo, com a informação de que circula também no Douro e em outras províncias (o mesmo que *nenja ou nêja*), (97) bem assim é mencionada a sua ocorrência na Beira Baixa. (98).

LOCUÇÕES ADVERBIAIS — *De primeiro* vigora nas classes populares com as acepções de: anteriormente, antes, a princípio (tempo). O emprêgo da locução é antigo. Os cultos, porém, a evitam atualmente. Oliveira Paiva inicia o seu célebre romance *D. Guidinha do Poço*, com a locução: "*De primeiro* havia"... *Antonte, ontonte* entre os incultos, equivalem a *anteontem*; *trasantonte, ternaontem* correspondem a *trasanteontem*, no falar inculto (tempo). *Anton-tem* e *trezantontem* ocorrem nas aldeias beiroas.

Nesse entre é usado entre os rústicos, por *nesse interim, entrementes* (tempo).

Mais com pouca indica tempo breve e é freqüente nas classes incultas. Corresponde a: em breve, dentro em pouco.

Da noite pro dia, enquanto o diabo esfrega um ôlho, num vupe, num átimo, num abrir e fechar de olhos são locuções reveladoras de subitaneidade, rapidez, tempo breve.

Outro dia, corrompido, não raro, em *isturdia*, pelos incultos é freqüente.

Outro ora é comum na fala inculta e de semicultos equivalendo a: outras vêzes, de outras feitas, em outras ocasiões.

De uma viagem(m), de uma viajada, de uma vezada são comuns entre o povo como o são em países hispano-americanos: *de una vegada, de una vagada, de un viaje*. (99)

Vendryes, a respeito, considera que "o expressar a idéia de *vez* por uma palavra que designe a viagem não tem sido casual". Estuda a relação semântica em latim, baixo-valão, gótico, lituano, irlandês, galês, baixo-alemão e escandinavo, opinando, por fim, que "isto se explica aparentemente por um desenvolvimento de sentido natural, executado independentemente nos vários países em que foi comprovado. (100)

Na maciota, no mansidão, no brando correspondem a devagar, suavemente, vagorosamente. A *vagar* por *devagar* é corrente em níveis socioculturais inferiores.

Em riba das bucha(s) é locução de uso rural e inculto, correspondente, na *norma culta*, a: de chôfre, sem demora, incontinenti. A negação é representada algumas vêzes pela expressão *o que*, em orações responsivas, compondo sintagmas como *lá o que, que o que*.

Equivale em tais casos ao adv. *nada*:

— "Você acha que chove? — Chove *o que!*"

— "É bom o livro? — *Que o que!*"

Aquela môça?! — *Lá o que!*"

Como gente grande, como areia, como quíser dão idéia avantajada e podem ser recolhidas em obras de literatura folclórica.

Como todos é locução que indica quantidade excessiva. Corresponde a *pra mandá pros diabo(s), pra burro, como o diabo*, locuções também muito empregadas no Ceará.

PREPOSIÇÃO

Não mencionaremos aqui tôdas as corruções fônicas, verificáveis nesse conectivo, as quais não constituem fatos propriamente morfológicos, embora certas formas correntes nas *normas* incultas sejam encontradas na linguagem de antanho e circulem ainda hoje nas

aldeias portuguesas. Haja vista os casos de *inté* (até), *diente* e *adiante* (diante e adiante, respectivamente), etc.

Consideraremos *preposições propriamente ditas e locuções prepositivas*.

Chega torna-se forma invariável nas normas populares, rural e urbana, com sentido equivalente ao da preposição *até*. Ex.: "Era tanta gente que *chega* parecia um dia de procissão"... Pode ouvir-se também, sem alteração semântica: "Era tanta gente *chega* parecia Noite de Festa"...

Sôbre e *sob* são pouco usados pelos cultos e nunca pelos incultos. Semicultos, nos raros casos em que as empregam, costumam estabelecer confusão entre os dois antônimos, dizendo, por vezes, *sôbre* em lugar de *sob*. Em substituição a essas formas, os cultos dizem comumente *em cima* e *em baixo* ou *debaixo*. Exs.: "Os livros estão *em cima* da mesa." "O tapete está *debaixo* da mesa." "A chinela está *em baixo* da cama." Já os incultos costumam dizer: "O livro tá *em ríba* da mesa." "A chinela tá *em baixo* da rede." Em Portugal (Beira Baixa) é registada a locução *lá em ríba* por *lá em cima*. *De ríba* e *arriba* encontram-se em autores antigos, sendo mesmo a última palavra de remota procedência, pois se acha em "Foros de Castelo Rodrigues" (1209). (101)

Em níveis socioculturais inferiores as normas apresentam a *redor de* em vez de *em redor de*, *ao redor de*, que são usados geralmente, mesmo pelos cultos, por *em torno de*. Exs.: "A *redor de* uma légua" (incultos). *Em redor* da mesa" (cultos). No galego aparece a forma *arredor*. (102) *Em roda de* também emprega o povo, especialmente os rurícolas. Ex.: "Em *roda de* cinco légua." *Desde* é substituído nas normas incultas, especialmente a rural, por *dêrna* e *dêrna de*. Exs.: "Dêrna de onde qu'eu não vejo"... "Dêrna qu'eu vi aquela cabocla". Também se ouvem *dêsna* e *dêsna de*. Exs.: "Dêsna de onde(m) qu'eu lhe procuro..." "Dêsna qu'eu vi ela..." Em galego ocorre *dende* (*de inde*), que corresponde a *desde*, também ocorível, esporadicamente, entre o povo inculto do Ceará. É também registado como arcaísmo na fala do povo dominicano. *Com* é substituído frequentemente nas classes incultas e semicultas por *mais*. Exs.: "Eu tava *mais* você e o Zèzim." "Tando *mais* vocês." "Fui *mais* êle." "Eu ia *mais* o Raimundo."

Para nas falas urbana e rural, incultas, é substituído, não raro, por *mode* e *pra mode*. Segundo observou o folclorista Leonardo Mota, costuma estar no sentido da locução *a fim de*. Exs.: "Come carne de peba *mode* não perdê a corage." "Apareça *mode* nós conversá." Isso é *pra mode* você sabê como é ruim"... Frequente nas classes incultas é a locução *pro moae* (*pru módi*), corrupção de *por amor de*, que, além da acepção de *por causa de*, *devido a* etc., se apresenta com os sentidos de *para* e *a fim de*. Exs.: "Isso tudo é *pro mode* você sabê quanto custa se andá mexendo com os outro." "Foi *pro móde* uns desafôro qu'êle dixe à mulé do Reimundo." Em Por-

tugal se dizem *por môr e pr'amor de*. (103) *Por amor de* está na *Crônica dos Feitos de Guiné*, de Zurara, e em outros escritos antigos. — “Que o forte do rio Tapocuru se fêz *por amor* dos salvagens não virem pello rio abaixo destruir as fazendas”... (trecho de umas “Informações e Avisos de Antônio Monis Barreiros sôbre o Ceará e o Maranhão”, datados de 2 de agosto de 1623). (104) Oliveira Paiva usa, às vêzes, *por amor de* no seu romance cearense *A Afilhada*. A propósito, lembramos que nessa obra se encontram, por vêzes, as formas *por modos que*, *a modos que*, no estilo do próprio autor, e *a mode que*, *por mode que*, em diálogos, na fala inculta, bem assim, *por mó dos*, *por mó do* etc. *Pour l'amour de*, locução antiga correspondente a *à cause de*, em francês, existe na época atual apenas em occitano, em franco-provençal e nos dialetos de *oïl* do sudoeste e do norte (valão). Muito espalhada a locução em occitano, registada em Mistral, Palay, Daniel. No antigo occitano correspondia a *per amor de*. “*Pour l'amour de (à cause de)* é atestado — mas raramente — em antigo francês, mas sobretudo (unicamente?) em textos procedentes do Norte e do Leste” — escreve G. Price. (105)

Durante é substituído por *no correr de* e *no meio de*, talvez com maior freqüência pela última locução. Exs.: “*No correr* da discussão chegaro uns home a cavalo.” “*No meio da briga*”...

De cabeça afora equivale a *em frente*, *para diante*. Ex. “Você vai por aqui *de cabeça afora*”... *Exceto* e *salvo* raramente surgem e apenas na fala culta. O povo prefere empregar *menos*. Ex.: “Estavam todos, *menos* o Chico.”

Em face de e *em frente a* correspondem, não raro, no linguajar do povo, a *confronte*; os cultos dizem *defronte a*, *defronte de*, *em frente a*, *em frente de*. Exs.: “Mesmo *confronte* da Padaria Lisboense.” “Mesmo *em frente* do Mercado.” “*Defronte* do Palácio do Governo.” “*Defronte ao* Palácio do Governo.” “*Em frente ao* Clube dos Diários.”

Em vante corresponde a *em diante*. É usual a expressão *de hoje em vante*. *Diavante* aparece no *Leal Conselheiro* por *daí em diante*. Também se encontra nessa obra *dalli avante* por *dali em diante*. (106)

Junto de é substituído no falar inculto por *de junto de*. Ex.: “*De junto de nós* ia uma mulê”...

A locução *obra de* é muito usada pelo povo, a significar geralmente *cêrca de*, *perto de*, *quase*. É expressão de uso antigo. (107)

Por último, confirmamos o assêrto, já exarado por certos autores, no tocante à divergência entre Portugal e Brasil no emprêgo de certas preposições. Frisa o autor do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*: “Onde regularmente empregamos *com*, *em*, *para*, *por*, os portugueses empregam sômente *a*”... (108)

As formas antiquadas *polo*, *pola*, têm sido consideradas como equivalentes a *pulo* e *pula*, correntes na fala inculta, em substituição aos *pelo* e *pela*, do falar culto.

CONJUNÇÃO

COORDENATIVAS — A adversativa *mas* é ordinariamente pronunciada *mais*, grafia que aparece em autores portugueses antigos, constituindo — segundo o estudioso Sousa da Silveira — um arcaísmo léxico. Nas classes incultas observa-se curioso exemplo de redundância: *mas porém*. Trata-se, aliás, de modo expressivo antiquado, registável em Sá de Miranda, Camões, Gil Vicente e autores outros. Exemplos retirados da literatura folclórica: “Este nosso Ceará é uma porca velha, muito boa parideira, *mas porém* muito ruim de peito.” (109) “Eu vou vê si drumo uma madorna que tou *mas porém* é bambo.” (110) No último caso, além do arcaísmo, deparamos com interessante emprêgo do *mas*. Essa ocorrência expletiva é, aliás, comum na fala dos rurícolas. Ex.: “Vamincê vê um batoré dêsses, a gente oferece dez tões por um dia de serviço e o brochote fica basofando que vai *mas* é plantá algodão”... “Home, *mas* me diga uma coisa.” (111)

Agora pode surgir com acepções idênticas às da adversativa *mas*. Ex.: “Casar não é nada, *agora* viver é que é.” (112) Tem ainda o sentido de *pois*, *então*, consoante já observara Mário Marroquim, em relação a Alagoas e Pernambuco. Ex.: “Você está chorando, *agora* não lhe dou nada.” (113)

Como bem é ouvido no colóquio popular, especialmente de rurícolas, com acepção explicativa, que equivale, aproximadamente, a *isto é*, *a saber*, *por exemplo*; locuções essas, que são hoje consideradas “expressões de situação ou incidentes.” Em certos contextos equivale mais precisamente a *assim como*, *tal como*.

A aditiva e quando liga dois termos ou membros da oração é substituída com frequência por *mais*, em normas incultas. Exs.: “Deu uma burra a um dos filhos, um jumento a outro, *mais* uma novilha ao Raimundo.” “O Antônio, o Raimundo *mais* a Maria são filhos do compadre Manuel.”

Entre as *subordinativas* devemos notar alguns fatos, a propósito do uso das comparativas.

Direito, *direitinho* adquirem funções comparativas. Exs.: “Era *direito* um tamanduá.” “Era *direitinho* uma mulhé.”

Feito adquire, certas vêzes, o sentido de *como*, nas classes populares. Exs.: “Vinha *feito* uma cobra”... “Era um bicho grande, *feito* uma ema”...

A locução *que nem*, do cotio entre os rústicos, é empregada como comparativa. Exs.: “Casa de pobre não é *que nem* hotel.” “Aquilo é mole *que nem* lingüiça crua.”

Que só possui idêntica acepção. Ex.: “Sofreu *que* só couro de pisá tabaco.”

Expletivamente, encontramos *como* na expressão *como sem falta*, de uso popular, plebeu. Exs.: — “Isto é *como sem falta*” “Venha *como sem falta*.”

A locução *como de fato* equivale entre os rústicos a *efetivamente, de fato, com efeito*. Poderia ser julgada uma "continuativa", de acôrdo com classificações adotadas antes da N. G. B.

Aliás, *como de feito* é locução encontradiça com o mesmo sentido em obras de escritores antigos.

Lembramos aqui o uso da proposição intercalada *como digamos*, que o sertanejo faz, na conversação, a saber: "A esta hora *cumo digamo*, tá tudo drumindo regalado." (114) Leonardo Mota confere à expressão o significado de *por exemplo*, o que, em certos casos, não julgamos bastante exato. A locução citada deverá ser aqui correspondente a *poder-se-á dizer que* ou *poder-se-ia dizer que*.

Quando acaba adquire, por vêzes, no falar do povo, o valor de autêntica coordenativa: não obstante, apesar disso, no entanto. Ex.: "Fiz tudo isso por você, *quando acaba* você me dá quatro pesada(s)."

De maneiras que, de formas que, não faltam no colóquio popular e escapam mesmo de certas pessoas alfabetizadas.

Mode que, mode coisa que, nem mode coisa são locuções bastante usadas no Ceará, em níveis socioculturais pouco elevados.

As duas primeiras significam: *como que, parece que, a modo que*. A outra locução, por último citada, parece representar o antônimo das anteriores. Exs.: — "Este sujeito *mode que* é doido." — "*Mode coisa* qu'êles tão se fazendo de bêsta." — "Ralhei cum êle, e êle *nem mode coisa*!" Nesta última oração, o sentido de *nem mode coisa* revela ainda curioso abreviamento: "Ralhei cum êle e êle... *nem mode coisa* (nem parece que ouviu o ralho). A *mode que* é usado pelos rústicos na Ilha da Madeira, como na seguinte frase: "A *mode que* já vêm luzôendo bem (luzindo bem)!" (115)

INTERJEIÇÃO

Verifica-se bom número de interjeições e locuções interjectivas, que indicam peculiaridade regional e são comuns às normas populares. Referimos algumas: — *Vige!* (*Virgem!* / *Virgem Maria!*) exprime admiração, pasmo, horror.

— *Eras!*... indica zombaria, desconfiança, desprezo, asco, horror (João Ribeiro estuda a locução *Na era!*, que se diz quando se procura negar uma conta de idade, alterada, como é de costume entre pessoas valdosas etc. — "Fulana diz ter vinte anos... — *Na era!*") (116) Alguma relação com a forma *eras*?!

— *Paidégua!* exprime contentamento, admiração, exaltação.

— *Hum hum* (ligeiramente gutural o segundo elemento) denota assentimento e também desprazer, aviso, prevenção.

— *Ói!* (*Oihe!*), indica cuidado, cautela, precaução, reparo zombeteiro.

— *Chi!* exprime enxotamento, em especial de animais domésticos ("*Chi!* gato".)

— *Bom!* é usado para revelar impaciência, enfado. *Bom! Bom!* indica, às vezes, aprovação, surpresa, contentamento.

— *Diacho! dianho!* referem desapontamento, desgosto, cólera.

— *Ôi?! corresponde a hein?!*

— *Ai! Chega! Basta!* equivalem a *Alto!* e empregam-se ao conduzir-se animais de carga.

— *Babau!* é interjeição popular, no sentido de terminação, desenlace irremediável. Do tupi *mbau* (acabar), segundo Chermont, ap. Alfredo da Matta. Ex.: "Acabou-se, *babau!* agora é tarde." (117)

— *Ei!* revela chamamento, surpresa alegre.

— *Vôte!, Tibis!, Credo!, Iche!, Meu Deus!*, da mesma forma que *T'esconjuro!* e *Te arrenego!* indicam ora aversão, indignação, repulsa, ora terror, pasmo, espanto, desapontamento.

— *Ô!* tanto exprime chamamento, como surpresa, admiração, desgosto.

— *Eita!* serve para demonstrar surpresa, incitação, bem como fadiga, esfalfamento.

— *Com efeito!* é exclamativa de uso popular e familiar, destacadamente nos meios rurais, a qual corresponde a *Ora esta!, Realmente!, E esta!*

Há um *que* expletivo na locução interjectiva "*Ora muito que bem!*", o qual tem valor expressivo.

Na locução exclamativa, de uso popular — *Boni-t-o-tó macaxêra mocotó!*, equivalente a *Pois não!, Bem feito!* e indicadora de aplauso, concordância, mas também de observação ou reparo insatisfeito, verificam-se "procedimentos rítmicos" de inegável valor expressivo. (118)

Muito empregadas são certas palavras e locuções obscenas com a função interjectiva, o que, aliás — como se sabe — ocorre em toda parte. (119)

Do que se acaba de expor, evidencia-se que no domínio das flexões é onde se podem verificar os "desvios" do sistema morfológico português mais significativos. A eles não se parece ajustar aquela explicação, fundamentada em causas que "apenas representam o desenvolvimento de tendências latentes, embrionárias ou incipientes na língua-tronco", as quais — segundo os estudiosos — se manifestam não só na fala popular brasileira, mas também em outras regiões do domínio lingüístico português ou mesmo românico. José Pedro Rona considera-as como "fatores sistemáticos", para distingui-los dos que denomina de "extrassistemáticos" — "porque o falante, nestes casos, não resolve suas necessidades expressivas por meios que lhe oferece o sistema geral" do português. (119) Viu-se que as classes de palavras são as mesmas consideradas pela Gramática tradicional, bem assim, que os *morfemas* (desinências características do gênero, número, pessoa, grau) são os mesmos que os da língua de Portugal. Cumpre mencionar, aqui, a persistência de for-

mas antiquadas ou obsoletas, que se mantiveram nos falares interiores devido ao isolamento sociocultural em que viveram as comunidades rurais no curso histórico. É o caso do artigo *las* (todas *las* bandas), bem assim, de certas formas analíticas de gradação nominal (*mais grande, mais melhor* etc.), dos numerais (*dezassete, dezasseis*), do dual *ambos os dois*, do uso de *tudo* por *todo* (*nós tudo*), de regularizações verbais (*trazerá, trazerei, direi* etc.), dos advérbios *naja, quaje, entonces, depois*; de formas pleonásticas como *nunca jamais* e *mas porém*; e de inúmeras locuções, a exemplo de *obra de* (perto de), *de primeiro* (antigamente), *por amor de* (corrompido em *pro móde* — por causa de) etc., etc.

Empréstimos indígenas podem ser apontados: a interjeição *babau!*, os coletivos *piracema*, com extensão de sentido na fala popular; *embiricica, cunhãzal* etc., que representam formações sufixais sobre temas indígenas.

Um estudioso brasileiro atribui as “simplificações e reduções flexionais” no linguajar inculto à influência africana ou tupi-africana. (120) É observação que merece, decerto, ser considerada para estudo atento. A “reinterpretação” ou “reformulação” lingüística, verificável nos contactos de culturas, iniciais, pode ter-se difundido no seio das classes onde a instrução, a educação idiomática não obtinha acesso, ou se fazia imperfeitamente, e aí ter-se mantido, automatizando-se o uso das formas alteradas, que se socializaram.

Parece-nos oportuno trazer à baila para estudo comparativo certas observações acêrca do que poderá ter ocorrido, na generalidade dos crioulos africanos, quanto à conjugação verbal, que aí “não se apresenta do tipo modal e temporal como a portuguesa ou a francesa, mas sim de tipo aspectual, como é a das línguas africanas”. O lingüista português Jorge Morais Barbosa acrescenta que “os monemas aspectuais dos crioulos continuam por vêzes, formalmente, formas verbais temporais, ou outras, da língua européia de origem, mas com valores muito diversos destas”. (121)

Em trabalho já divulgado consideramos a necessidade de serem efetuadas investigações sistemáticas em relação ao idioleto brasileiro, no sentido de comprovar a ocorrência de fenômenos ligados a uma reinterpretação profunda do sistema português ocorrida na estrutura das línguas não européias — as indígenas e africanas. (122)

* * *

“Se o plano gramatical da palavra — sintetiza B. Trnka — é o campo da ciência que poderíamos chamar morfologia, é necessário recordar que sua tarefa é a de descobrir a estrutura e o sistema de oposições morfológicas realizadas pelas palavras e os morfemas no sentido do eixo sintagmático ou paradigmático.” (123)

Não nos foi dado chegar a êsse plano do estudo dialetológico com orientação estrutural, que — é mister seja dito — também não se efetuou por outrem, em nosso país, senão de maneira fragmentária.

NOTAS

- 1) V., a propósito do tema, *Trnka, Bohumil — Rapports sur les Questions Historiques et Pratiques Mises à L'Ordre du Jour — Question III — Actes du Sixième Congrès International des Linguistes — Paris, 1943 — pp. 19-30.*
- 2) Alarcos Llorach, Emilio — *Gramática Estructural — Gredos — Madrid, 1951 — p. 51.*
- 3) Coseriu, Eugênio — *Sistema, Norma y Habla — Montevideu, 1952 — passim.*
- 4) Jespersen, Otto — *The Philosophy of Grammar — 6.ª edição — Londres, 1951 — pp. 228-229.* V. também Brunot, Ferdinand — *La Pensée et la Langue — Masson — Paris, 1953 — pp. 92-93.*
- 5) Wartburg, W. von — *Problemas y Métodos de la Linguística — Madrid, 1951 — pp. 114-115-116.* V. também Galichet, G. — *Physiologie de la Langue Française — PUF — Paris, 1949 — pp. 61-62.*
- 6) Lazaro Carreter, Fernando — *Diccionario de Terminos Filológicos — Gredos — Madrid, 1953 — pp. 164-165.*
- 7) Said Ali, F. — *Lexicologia do Português Histórico — Cia. Melhoramentos — São Paulo, 1921 — p. 47.*
- 8) Ureña, Pedro Henriquez — *El Español en Santo Domingo — Biblioteca de Dialectología Hispano Americana — Buenos Aires, 1940 — p. 171.*
- 9) Uramuno, Miguel de — *El Caballero de la Triste Figura — Espasa-Calpe — Argentina — Buenos Aires, 1944 — p. 23.*
- 10) Garcia de Diego, Vicente — *Manual de Dialectología Española — Madrid, 1946 — p. 90.* V. Também Malaret, Augusto — *Vocabulário de Puerto Rico — San Juan, 1937 — p. 55.*
- 11) Lopes Dias, Jaime — *Etnografia da Beira — Vol. VI — p. 270.*
- 12) Pombinho Júnior, J. A. — *Cantigas Populares Alentejanas — Edições Maranus — Pôrto, 1936 — p. 35.*
- 13) Bally, Charles — *El Lenguaje y la Vida — Losada — Buenos Aires, 1941 — pp. 140, 141, 150 e 151.*
- 14) Mota, Leonardo — *Cantadores — 1.ª edição — p. 217; Sertão Alegre — 1.ª edição — p. 227.*
- 15) Diego, V. G. de — *Op. cit. — p. 91.*
- 16) Vidal, Ademir — *O Subdialeto do Nordeste — In "Anais do Congresso da Língua Nacional Cantada" — São Paulo, 1937 — Nacre, MardoKêo — Fulorêios — João Pessoa (Paraíba) — p. 80.*
- 17) Nascentes, A. — *O Linguajar Carioca — 2.ª edição — Rio, 1953 — p. 82.*
- 18) Casares, Júlio — *Introducción a La Lexicografía Moderna — Madrid, 1950 — pp. 120-121.*
- 19) Bello, Andrés e Cuervo, R. J. — *Gramática de la Lengua Castellana — 4.ª edição — Ed. Glem — Buenos Aires, 1943 — p. 56.*

- 20) Alonso, Amado — *Estudios Lingüísticos* — Gredos — Madrid — 1951 — p. 197.
- 21) Mota, Leonardo — *Cantadores* — edição cit. — p. 307.
- 22) Casares J. — *Op. cit.* — p. 128 = Rodrigues Lapa, M. — *Estilística da Língua Portuguesa* — Lisboa, 1945 — pp. 147 e segs. (A posição do adjetivo.)
- 23) Macedo Soares, A. J. de — *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro* — Imprensa Nacional — Rio, 1943 — pp. 82 e segs.
- 24) Mota, Leonardo — *Prosa Vadia...* — Tip. Gadelha — Fortaleza, 193, p. 27.
- 25) Diego, V. G. de — *Op. cit.* — p. 259.
- 26) Said Ali, M. — *Op. cit.* — pp. 35-36.
- 27) Ribeiro, João — *Selecta Clássica* — Rio. 1914 — p. 7 — nota 35 (3.^a edição).
- 28) Mota, Leonardo — *Prosa Vadia...* — p. 17.
- 29) Rodrigues de Carvalho, J. — *Cancioneiro do Norte* — 2.^a ed. p. 120.
- 30) Silva Neto, Serafim da — *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* — Rio, 1950 — p. 199.
- 31) Wartburg, W. von — *Op. cit.* — p. 126. V. também a nota 93, de Dámaso Alonso, ao pé da mesma página.
- 32) Diego, V. G. — *Op. cit.* — p. 92.
- 33) Mota, Leonardo — *Cantadores cit.* — p. 315.
- 34) Sousa da Silveira — *Lições de Português* — 3.^a ed. — Rio, 1937 — p. 185.
- 35) Said Ali, M. — *Op. cit.* — p. 57.
- 36) Diego, V. G. de — *Op. cit.* — p. 166.
- 37) Nascentes, A. — *Op. cit.* — p. 88. V. a propósito do *dual*, Carreter, F. L. — *Diccionario de Terminos Filológicos*, cit. — p. 119.
- 38) Nascentes — Id. — p. 89.
- 39) Rodrigues Lapa, M. — *Op. cit.* — p. 160.
- 40) Battini, Berta Elena Vidal de — *El Español de la Argentina* — Buenos Aires, 1954 — pp. 78-79.
- 41) Lopes Dias, J. — *Op. cit.* — Vol. cit. — p. 282.
- 42) Rodrigues Lapa, M. — *Op. cit.* — p. 161.
- 43) Lopes Dias, J. — *Op. cit.* — vol. VI — p. 282.
- 44) Macedo Soares, A. J. — *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* — vol. I — Rio de Janeiro, 1954 — p. 166.
- 45) Casares, J. — *Op. cit.* — p. 128.
- 46) Bally, C. — *Op. cit.* — p. 46.
- 47) Mota, Leonardo — *Cantadores cit.* — p. 334.
- 48) Said Ali, M. — *Op. cit.* — p. 90.
- 49) Nascentes, A. — *Op. cit.* — p. 90.
- 50) Mota, Leonardo — *Sertão Alegre* — 1.^a edição — pp 80 e 122, respectivamente.
- 51) Rodrigues Lapa, M. — *Op. cit.* — pp. 173-174.
- 52) Vossler, Karl — *Introducción a la Estilística Romance* — 2.^a ed.

- Buenos Aires, 1942 — V. o cap. "Formas Gramaticais e Psicológicas".
- 53) Cuervo, R. J. — *Op. cit.* — p. 55.
- 54) Albano, Ildefonso — *Jeca Tatu e Mané Chique-Chique* — Rio — s/d. — p. 31.
- 55) Ureña, P. H. — *Op. cit.* — p. 174.
- 56) Mota, Leonardo — *Cantadores cit.* — p. 339.
- 57) Macedo Soares, A. J. de — *Dicionário cit.* — vol. cit. — p. 173.
- 58) Sousa da Silveira — *Op. cit.* — pp. 224-226. = Said Ali, M. — *Op. cit.* — p. 87. = Rodrigues Lapa, M. — *Op. cit.* — pp. 177-178.
- 59) Alonso, Amado e Ureña, P. H. — *Gramática Castellana* — 10.^a ed. — Losada — Buenos Aires, 1951 — vol. I — p. 100.
- 60) Boléo, M. de Paiva e Santos Silva, M. H. — *O Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental* — Lisboa, 1962 — p. 101.
- 61) Rodrigues Lapa, M. — *Op. cit.* — pp. 208-209 — V. Coseriu, E. *Sincronia, Diacronia e História* — Montevideu, 1958 — pp. 89 e segs.
- 62) Mendonça, Renato — *O Português do Brasil* — Rio, 1936 — p. 226.
- 63) Wartburg, W. von — *Op. cit.* — Nota de Dámaso Alonso — (126) ao pé da p. 165.
- 64) Wartburg, W. von — *Op. cit.* — pp. 163 e segs.
- 65) Benot, Eduardo — *Arte de Hablar* — ed. Anaconda — Buenos Aires, 1941 — pp. 406-411.
- 66) Rodrigues Lapa, M. — *Op. cit.* — p. 209 — Coseriu, E. — *Op. cit.* — pp. 89 e segs.
- 67) Diego, V. G. — *Op. cit.* — p. 123.
- 68) *Idem, Ibidem* — pp. 107, 115 e 318.
- 69) *Idem, Ibidem* — pp. 108 e 318 = Nunes, J. J. — *Crestomatia Arcaica* — 3.^a ed. — Liv. Clássica Editôra — Lisboa, 1943 — Glossário final.
- 70) Ureña, P. H. — *Op. cit.* — pp. 89 e 176.
- 71) Malaret, A. — *Op. cit.* — p. 54 = Nunes, J. J. — *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* — Lisboa — 1919 — p. 340.
- 72) Sousa da Silveira — *Op. cit.* — p. 99. V. ainda Said Ali, M. — *Op. cit.* — p. 111.
- 73) Diego, V. G. — *Op. cit.* — p. 12.
- 74) Mota, Leonardo — *Sertão Alegre* — 1.^a ed. — p. 79.
- 75) *Idem* — *Cantadores cit.* p. 31.
- 76) Diego — *Op. cit.* — pp. 318 e 265 — Wartburg, W. von — *Op. cit.* p. 81 — nota 62.
- 77) Ureña, P. H. — *Op. cit.*
- 78) Nascentes, A. — *Op. cit.* — p. 105.
- 79) Pombinho Júnior, J. A. — *Op. cit.* — pp. 28 e 83. V. ainda Ribeiro, João — *Selecta Clássica*, cit. nota 130 = Diego *Op. cit.* — p. 319.

- 81) Silva Neto, S. — *Op. cit.* — p. 202.
- 82) Nogueira, João — *Os Congos* — *In Rev. do Inst. do Ceará* — ano 1934 — p. 92.
- 83) V. Henry, A. — *A Propos du IL Y A Temporel du Français* — *In Revue de Linguistique Romane* — Tomo XXXI — Janeiro — julho 1967 — pp. 105 — 123.
- 84) Mota, Leonardo — *Sertão Alegre cit.* — pp. 99 — 14.
- 85) Nascentes, A. — *Op. cit.* — p. 109.
- 86) Mota, L. — *Cantadores cit.* — p. 334.
- 87) Ureña, P. H. — *Op. cit.* — p. 179.
- 88) Alonso, Amado — *Op. cit.* — p. 196.
- 89) Pombinho Júnior — *Op. cit.* — p. 16.
- 90) Mota, Leonardo — *Sertão Alegre* — p. 74.
- 91) Lopes Dias, J. — *Etnografia da Beira cit.* — vol VI
Nunes J. J. — *Crestomatia Arcaica* — Glossário Final.
- 92) Ap. Teixeira, J. A. — *Op. cit.* — p. 109.
- 93) Diego, V. G. — *Op. cit.* — p. 124.
- 94) Lopes Dias, J. — *Op. cit.* — vol. cit. = Pombinho Júnior — *Op. cit.* — Marques da Silva, A. — *In Mensário das Casas do Povo* — n.º 48, jun. de 1950.
- 95) Nascentes, A. — *Op. cit.* — nota 176, ao pé da pág. 112.
- 96) Carneiro Ribeiro, E. — *Serões Gramaticais* — 2.^a ed. — Ba. p. 238.
- 97) Pombinho Júnior — *Op. cit.* — p. 73.
- 98) Lopes Dias, J. — *Op. cit.* — vol. VI — p. 305.
- 99) Malaret, Augusto — *Voces Afines* — San Juan (Puerto Rico) s/d — p. 95.
- 100) Vendryes, J. — *Le Langage* — cap. II. Há edição espanhola: *El Lenguaje* — Barcelona, 1943 — p. 274.
- 101) Lopes Dias, J. — *Op. cit.* — vol. VI — p. 306. V. Também *Foros de Castelo Rodrigues* — *In Crestomatia Histórica* — Dicionário de Fr. Domingos Vieira — vol. II.
- 102) Garcia de Diego, V. — *Op. cit.* — p. 127.
- 103) Nascentes, A. — *Op. cit.* — p. 111.
- 104) V. *Documentos Para a História do Brasil, e Especialmente a do Ceará* — 1.º vol. (1608 — 1625) — coligidos pelo Dr. Guilherme Studart — Tip. Studart — Fortaleza, 1904.
- 105) Price, G. — *Influence Espagnole, Italienne et Occitane sur la Langue de Brantôme* — *In Rev. de Linguistique Romane* — Tomo XXXI — jan. — jul. 1967 — pp. 169-170.
- 106) D. Duarte — *Leal Conselheiro* — ed. Roquette — nota ao pé da p. 135.
- 107) Viterbo — *Dicionário Portátil*. V. *Ainda Relação do Maranhão* — *In Documentos cit.*
- 108) Macedo Soares, A. J. de — *Dicionário cit.* vol. I pp. 2-3.
- 109) Mota, Leonardo — *Sertão Alegre* — ed. cit. p. 127.
- 110) Id. — *Cantadores cit.* — p. 335.

-
- 111) *Id.* pp. 335 e 310.
112) *Id.* p. 365.
113) Marroquim, Mário — *A Língua do Nordeste* — Brasileira — 2.^a ed. — p. 230.
114) Mota, Leonardo — *Cantadores* — p. 335.
115) Marques da Silva, A. — *Art. cit.*
116) Ribeiro, João — *Curiosidades Verbais* — pp. 118-119.
117) Matta, Alfredo Augusto da — *Contribuição ao Estudo do Vocabulário Amazonense* — *In Rev. do Inst. Geog. e Hist. do Amazonas* — Ano VI — vol. VI números 1 e 2 — 1938 — p. 69.
118) Bally, C. — *Op. cit.* — p. 138.
119) V, entre outros, de la Rue, Jean — *Dictionnaire D'Argot* — Flammarion — Paris = Sainéan, L. — *Le Langage Parisien au XIX Siècle* — E. de Boccard Ed. — Paris, 1920 .
120) Rona, José Pedro — *Aspectos Metodológicos de la Dialectologia Hispanoamericana* — Univ. de la República — Dep. de Lingüística — Montevideu, 1958 — pp. 29 e segs.
121) Chaves de Melo, Gladstone — *A Língua do Brasil* — Agir Editora — Rio, 1946.
122) Morais Barbosa, Jorge — *Crioulos* — Academia Internacional de Cultura Portuguesa — Lisboa, 1967 — Introdução — pp. X-XI.
123) Seraine, Florival — *Para a Análise Cultural do Português Americano* — *In Revista de Portugal* — Vol. XXXII — Lisboa, 1967 — pp. 99-100.
124) Trnka, B. — *Tr. cit.*